



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Gonçalves Dias  
*Segundos Cantos*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Segundos Cantos*  
Gonçalves Dias

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1848.

Livro Digital nº 132 - 2ª Edição - São Paulo, 2019.

**Poesia** - Literatura Brasileira.

**Antônio Gonçalves Dias**  
**(1823-1864)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ÍNDICE

---

ALGO MAIS: "Vida e obra de Antônio Gonçalves Dias".....	1
Prólogo.....	16
Consolação nas lágrimas.....	20
Canção.....	21
Lira.....	22
Agora e sempre.....	23
A virgem.....	25
O donzel.....	26
Rosa no mar! .....	30
O amor.....	33
Sempre ela.....	34
Mimosa e bela.....	36
As duas amigas.....	38
Sonho.....	40
Harmonias.....	42
O Bardo.....	45
Solidão.....	50
A um poeta exilado.....	52
Palinódia.....	54
Suspiros.....	58
Queixumes.....	60
Ao aniversário de um casamento.....	64
Canto Inaugural.....	65
A desordem de Caxias.....	68
Tabira (dedicatória aos pernambucanos).....	73
Tabira (poesia americana).....	75
Hinos	
A lua.....	82
A noite.....	85
A tempestade.....	87

## VIDA E OBRA DE ANTÔNIO GONÇALVES DIAS

*On doit la vérité aux morts...  
Bossuett, Oraisons funèbres.*

Raiou para Gonçalves Dias o sol da posteridade: cessaram os hinos triunfais e também os vitupérios. É um nome histórico, uma das maiores glórias da nossa nascente literatura. *Sine ira et studio*, na expressão do grande analista romano, empreendemos esboçar-lhe a biografia e emitir perfunctório juízo sobre suas principais obras: possa o nosso trabalho merecer a aceitação do público.

Dez dias se tenham apenas passado desde que a antiga vila, e hoje cidade de Caxias, abra suas portas às forças independentes, ao mando do capitão-mor Filgueiras, quando numa humilde choupana do sítio denominado Boa Vista, terras da fazenda de Jatobá, nasceu o inspirado poeta, cuja prematura morte ainda hoje pranteiam as letras brasílicas.

Foi seu pai o negociante português João Manuel Gonçalves Dias e sua mãe Vicência Mendes Pereira. Bafejou-lhe a adversidade o berço, porquanto havendo-se tornado seu pai suspeito de simpatizar com a causa defendida pelo sargento-mor Tidié, teve de foragir-se, temeroso das represálias e mesquinhas vinganças que a plebe soe exercer em tais ocasiões.

Não se julgando ainda assaz seguro na solidão de Jatobá, resolveu João Manuel embarcar-se ocultamente para Portugal, onde foi esperar que os ânimos se aplacassem e à seu salvo pudesse regressar ao país que como segunda pátria amava.

Longe das paternas vistas criou-se a meninice do futuro poeta, que bem cedo encontrou íntimas relações com a pobreza, felizmente suportada nessa quadra da vida em que os risos estancam as lágrimas.

Quando as circunstâncias políticas da província do Maranhão permitiram a João Manuel volver ao seu antigo tráfico, chamou ele para sua companhia o menino Antônio, e, mal sondando-lhe a vocação, destinou-o à carreira mercantil.

Aí deu ele provas de suma perspicácia e revelou tão singulares disposições para as letras, que, por solicitações de amigos e parentes, foi mandado à aula do professor Ricardo João Sabino, que iniciou-o nos rudimentos das línguas latina e francesa.

Adquirida a soma de conhecimentos indispensáveis para matricular-se em estudos superiores, partiu em companhia do seu extremoso pai para a cidade de São Luís, capital da província (em 1837), donde não tardou a trasladar-se para Portugal, onde João Manuel ia buscar cura, ou pelo menos alívio, aos seus padecimentos pulmonares.

Não lhe valeu porém tal sacrifício, pois que a 13 de junho desse mesmo ano exalava o último alento nos braços de seu carinhoso filho, que referindo-se a esse tremendo lance, assim se expressava alguns anos depois:

*Repassado de dor! Junto ao seu leito  
De joelhos em lágrimas banhado  
Recebi seus últimos suspiros:  
E a luz funérea e triste que lançavam  
Seus olhos turvos ao partir da vida  
De pálido clarão cobriu meu rosto;  
No meu amargo pranto refletindo  
O cansado porvir que me aguardava.*

Semelhante infortúnio teria mangrado o ridente porvir do esperançoso mancebo, se não lhe viesse em auxílio a munificência de sua madrasta, que facultou-lhe os meios de poder prosseguir em seus estudos, recusando generosamente os subsídios que várias pessoas haviam oferecido.

Ignaro da sorte que o aguardava, havia voltado ao Maranhão, donde teve de volver a Portugal a 13 de maio de 1838, em companhia do abastado capitalista Bernardo de Castro e Silva.

Quanto lhe foi penosa essa nova separação dos entes que lhe eram mais caros, exprimiu-o ele nos seguintes melancólicos versos:

*Parti dizendo adeus à minha infância  
Aos sítios que eu amei, aos rostos caros  
Que eu já no berço conheci — àqueles  
De quem malgrado a ausência, o tempo, a morte  
E a incerteza cruel do meu destino,  
Não me posso lembrar sem ter saudades  
Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.  
Parti, sulquei as vagas de oceano;  
Nas horas melancólicas da tarde  
Volvendo atrás o coração e o rosto,  
Onde o sul, onde a esperança me ficava,  
Misturei meus tristíssimos gemidos  
Aos sibilos dos ventos nas enxárcias.*

Mas porque encaminhava-se Gonçalves Dias a Portugal, porque ia frequentar a Universidade de Coimbra quando já nessa época funcionava o curso jurídico de Olinda, onde com maior facilidade, e quiçá com menor despesa poderia alcançar a láurea acadêmica que ambicionava? Peçamos a um dos seus mais esmerados biógrafos, o senhor doutor Antônio Henrique Leal, que nos ministre o fio condutor, a chave desse enigma:

"Era a Universidade de Coimbra, antes das fáceis e rápidas comunicações estabelecidas pelos paquetes à vapor entre esta e as



províncias, em cujas capitais se acham as nossas faculdades científicas, o centro quase exclusivo para onde convergiam os Maranhenses que aspiravam a carreira das ciências, obtendo os mais inteligentes grande proveito de uma tal frequência; por isso que recebiam na convivência e nas palestras dos colegas e professores das diversas matérias, que ali se liam, maior soma de conhecimentos e robusteciam-se nas que eram próprias de seus estudos, e nas humanidades, ou preparatórios, que são as verdadeiras e sólidas bases dos que se prezam de saber, principalmente a língua pátria, em que sempre timbrou a mocidade maranhense; e é ao que se atribui o gosto que tem os filhos desta província pela leitura dos clássicos, tão entusiasticamente manuseados e aproveitados pelo ilustre intérprete de Virgílio, Manuel Odorico Mendes, e por aqueles que, como João Francisco Lisboa e o senhor Francisco Sotero dos Reis, mais de perto os conversavam: e se da universidade colhiam os estudiosos úteis frutos, não menos deliciosos e sazoados obtinham de Coimbra os prediletos das musas".

Na aula de latim, do então *Colégio das Artes*, regida pelo abalizado Luís Inácio Ferreira, adquiriu Gonçalves Dias foros de exímio estudante, merecendo que seus condiscípulos o denominassem: *de esperançoso menino do Maranhão*.

No meio dos seus triunfos escolares, sobreveio-lhe grande desgraça, a interrupção da mesada que lhe fazia sua bondosa madrastra, em consequência dos prejuízos que sofrera com a guerra civil do Maranhão, conhecida pela *Balaiada*. Vendo-se de novo baldo de recursos, tomou o caminho de Figueira a fim de implorar do prestante varão que o acompanhara em sua última viagem, os meios indispensáveis para regressar à pátria.

Conhecida essa intenção de alguns estudantes brasileiros, assentaram opor-lhes seu *veto*, e fazendo *bolsa comum*, ministrarem ao talentoso mancebo os recursos que lhe faltavam.

Coube a João Duarte Lisboa Serra a iniciativa de tão nobre ideia, sendo calorosamente apoiado pelos senhores Alexandro Teófilo de

Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lopes, José Hermenegildo Xavier de Moraes.

Os sentimentos pundonorosos do jovem poeta, impeliram-no a recusar a aceitação de semelhante benefício; tendo porém de render-se ante as solicitações tão instantes quão despretensiosas.

Lançando um olhar retrospectivo sobre sua vida de estudante servia-se destas magoadas expressões:

"Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios, e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de bons e fiéis amigos, embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo".

*Comendo de amigos* para apropriar-nos de uma locução de Diego do Couto, falando de Camões, transpôs Gonçalves Dias os umbrais dos estudos preparatórios e matriculou-se no curso jurídico.

"Operário da inteligência (diz o sempre citado senhor doutor A. N. Leal), nunca mediu o estudo pelo tempo; largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnífico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espírito mais da agudeza ingênita com que o dotou a Providência, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso e de todos os instantes! É a inteligência como a terra, produz rica messe de frutos, porém somente depois de infundir-se-lhe nela muito capital e muito suor. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros lugares entre os mais distintos condiscípulos, a par de Bruschy, de Cardoso Avelino, Salguein, Couto Montein, Beça Correia, Pedroso, Pinto e Nóbrega."

Não era porém só na ciência de Pascoal de Melo que primava o nosso conterrâneo; a literatura servia-lhe de jardim onde plantava e colhia as mais mimosas e fragrantas flores. Assim, quando Serpa Pimentel fez surgir em 1838 o teatro acadêmico, e quando dois anos depois fundou uma revista contou-se Gonçalves Dias entre os mais esforçados lidadores que tão alto levantaram os pendões do

romantismo, e com tanta galhardia continuaram a obra da regeneração literária empreendida por Garrett, Herculano e Castilho.

Por um bem entendido patriotismo entendeu que as primícias do seu estro deveriam pertencer à pátria, e só à muito custo consentiu na publicação de uma poesia intitulada: *A Inocência*; recitada num festim campestre dado pelos estudantes brasileiros ao chegar a Coimbra a notícia da maioridade do senhor dom Pedro II.

Tocava à meta de suas aspirações acadêmicas, não tardaria a ver cingida a fronte da láurea doutoral, quando sagrados e imperiosos deveres de família levaram-no a Serra do Gerês, impedindo-lhe o complemento dessas mesmas aspirações. Já era porém bacharel em ciências jurídicas, e satisfazendo-se com esse modesto grau deliberou volver aos seus lares, indo exercer a nobre profissão de advogado em Caxias (em 1845).

Curta e atribulada foi sua residência nessa cidade, e por experiência própria convenceu-se de que para talentos da ordem do seu é por demais acanhado o cenário da vida de província, e que mais altos destinos o chamavam algures.

Foi no ano de 1846 que pela primeira vez avistou o Pão de Açúcar que deveria depois celebrar na belíssima alegoria do *Gigante de Pedra*. Nesse mesmo ano deu ao prelo os seus *Primeiros Cantos* que lhe valeram honroso e justo louvor de um dos maiores sabedores de nosso idioma:

"Merecer a crítica de Alexandre Herculano (diz ele no prólogo da segunda edição desses cantos) já eu consideraria como bastante honrado para mim; uma simples menção do meu primeiro volume rubricada com o seu nome, desejavam decerto, mas esperá-lo seria de minha parte demasiada vaidade."

Decerto quem conhecer a parcimônia com que o eminente historiador profere seus alvidramentos, convencer-se-á que grande

soma de merecimentos descobrira ele nos primeiros arpejos dessa musa juvenil.

Saudada como um verdadeiro acontecimento a publicação desse livro, e desde logo destinada a marcar uma época em nossa história literária, foi seu autor alvo de inúmeras atenções e obséquios.

Enquanto inebriavam-lhe os perfumes encomiásticos sentia rasgar-lhe as carnes os acerados espinhos da pobreza, e foi talvez com referência a essa quadra da sua tão dramática existência que dizia ele num dos seus mais lindos sonetos:

*Pensas tu, bela Armia, que os poetas  
Vivem de ar, de perfumes, de ambrosia,  
Que vagando por mares de harmonia,  
São melhores que as próprias borboletas?*

No profundo estudo que do latim fizera, encontrou meios de subsistência, e por espaço de quatro anos exerceu com notável aptidão o magistério dessa língua no Liceu Provincial que então existia na cidade de Niterói.

Os curtos lazeres que lhe deixava o fiel e exato cumprimento de seus deveres, consagrava-os ele ao ameno trato das musas, dando à estampa em 1847 o melhor de seus dramas intitulado *Leonor de Mendonça*, e no ano seguinte as *Sextilhas de Frei Antão*, monumento de erudição filológica.

Bem curioso é o histórico dessas *Sextilhas*, e seja o senhor doutor Leal quem no-lo transmita:

"Apresentara Gonçalves Dias ao exame e crítica do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro outro drama, *Beatriz de Cenci*, sem nome de autor e por letra estranha. Desfecharam os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escrito desapadrinhado, e o reprovaram, assacando-lhe primeiramente *erros crassos de linguagem*, e isto num português de contrabando. O poeta, que sabia e manejava a

língua como mestre, sentiu-se de afronta: e jurando para si tomar vingança dos censores, compôs as *Sextilhas de Frei Antão*, provando destarte, que além descrever como Castilho e Herculano, quando queria também o fazia numa linguagem particular e privativa de uma época determinada. Foi nobre o desforço, e a resposta cabal e satisfatória!"

Rompera o nome de Gonçalves Dias o nevoeiro que soe obumbrar ainda os mais esperançosos talentos, começava a ser reconhecida e apreciada a sua mestria e o colégio de Pedro II ambicionou-o para seu professor, confiando-lhe as cadeiras de latinidade e história pátria. Nesse estabelecimento normal deixou ele bem gratas recordações, e muitos dos que tiveram a fortuna de ouvir-lhe as lições, comemoram saudosos os arroubos de eloquência que lhe manava dos lábios quando o assunto lho permitia.

Do ônus professoral distraiu-o o governo imperial em 1851, confiando-lhe a importantíssima missão de estudar praticamente o estado da instrução pública em várias províncias do norte indicando ao mesmo tempo os meios conducentes a melhorá-la. Recomendava-lhe outrossim o mesmo governo que coligisse nos arquivos públicos e particulares quaisquer documentos úteis à nossa história no período anterior à independência. Do modo porque desempenhou tal incumbência, podem servir de abono os relatórios que por essa ocasião escreveu e que nos consta jazerem desprezados na secretaria do império, e as notícias e apontamentos exarados nas páginas da *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

De volta de sua excursão ao norte do império, foi despachado oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros (em 1852); e nesse mesmo ano contraiu matrimônio com a senhora D. Olímpia da Costa, filha do estimável e venerando D. Cláudio Luís da Costa. Desse matrimônio resultou apenas uma menina que faleceu em tenra idade.

Por tão bem servido se dera o governo imperial com o desempenho da tarefa encarregada a Gonçalves Dias, que confiou-lhe outra

idêntica ampliando-lhe as proporções. Em 1855 partia ele para a Europa incumbido de estudar nos principais países dessa região os métodos mais seguidos e melhor adotáveis às nossas circunstâncias locais.

Escolhendo Portugal para começo de suas pesquisas, aproveitou utilmente sua estada na antiga metrópole a fim de manusear curiosamente os arquivos de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora, extraindo cópias e apontamentos de tudo o que de mais interessante ofereciam para a nossa história colonial.

Reservando para mais tarde ulteriores indagações deixou a pátria de seus maiores para percorrer sucessivamente França, Inglaterra e Alemanha, examinando com esmero todos os estabelecimentos de educação e instrução, e remetendo minuciosos e lúcidos relatórios que parece tiveram a sorte dos primeiros.

Achando-se em Leipzig proporcionou-se-lhe ensejo de entreter amigáveis relações com o muito conceituado livreiro Brockhaus, que sugeriu-lhe a ideia de uma edição de seus *Cantos*, que foram dados a lume com o título de *Primeiros, Segundos e Últimos Cantos*. Por esse mesmo tempo (1857) confiou aos tipos o seu *Dicionário da Língua Tupi, chamada língua geral dos Indígenas do Brasil*; e os quatro primeiros cantos de uma epopeia americana denominada: *Os Timbiras*.

Regressando ao Rio de Janeiro, não encontrou aí o repouso de que tanto necessitava mas sim novo apelo no seu nunca desmentido patriotismo. Por indicação do Instituto Histórico e Geográfico, resolvera o então ministro do império Sr. Conselheiro Luís Pedreira do Couto Ferraz (Barão do Bom Retiro), nomear uma comissão científica a fim de explorar e catalogar as riquezas que com tão pródiga mão doou a Providência a este ubérrimo solo.

Dividida em cinco seções coube a de etnografia ao nosso poeta, que na composição do seu *Dicionário da Língua Tupi*, tão amplos conhecimentos revelara na ciência dos Montoias e Figueiras. A

coordenação e redução da viagem ficaram também a cargo do mesmo indivíduo.

Não nos pertence averiguar as causas que fizeram malograr essa generosa tentativa de prosseguir nas investigações científicas dos Ferreiras, Câmaras, Betencourts, Coutos, Feijós e alguns outros beneméritos brasileiros, que, ainda sob o regime colonial, inventariaram nossos naturais tesouros.

Deixando a província do Ceará, escolhida pela comissão como base de suas operações, fez Gonçalves Dias uma curta visita aos seus amigos do Maranhão (em fins do ano de 1860) dirigindo-se daí às duas mais setentrionais províncias do império. Nas margens do caudaloso Amazonas, pensava ele encontrar a solução dos grandes problemas etnográficos e linguísticos que tanto tem preocupado os sábios do antigo e novo continente.

Nessas pesquisas consumiu cerca de seis meses, e ao cabo desse tempo achou-se com a saúde tão deteriorada, que forçoso lhe foi tomar o caminho do Rio de Janeiro, onde aportou em princípios do ano de 1862.

Por tal forma se agravaram seus crônicos padecimentos hepáticos e pulmonares, que, por conselho dos médicos, resolveu-se a tornar a Europa, abandonando a ideia que a princípio concebera de esperar dos pátrios ares a recuperação de sua saúde.

Na travessia de Pernambuco para o Havre, a bordo do navio francês *Condé*, ocorreu uma circunstância que proporcionou-lhe o invejável prazer de ouvir na própria vida o juízo que a nosso respeito terá demitir a posteridade.

Foi o caso que, havendo falecido no referido navio um passageiro, divulgou-se logo a notícia que fora ele, o ilustre poeta brasileiro, que tão gravemente enfermo se embarcara. A imprensa dos países que falam o idioma português, pranteou-lhe a morte sem distinção de matizes políticos: o Instituto Histórico suspendeu a sua sessão ao

saber de tão lamentável ocorrência; na capital e nas demais cidades e povoações do império, celebraram-se missas e ofícios fúnebres, e a família do poeta cobriu-se de pesado luto. Não tardou em ser desmentida a infausta nova por cartas do próprio Dias, que soube tirar partido da eventualidade para chistosas facécias.

Momentânea foi porém a satisfação dos seus amigos e admiradores: progredia a fatal moléstia frustrando a ciência e solícitude dos mais abalizados médicos. Debalde mudava de clima: a morte seguia-lhe as pegadas, semelhante ao animal que a ligeira seta de destro índio feriu em sua vertiginosa carreira.

Um como sinistro pressentimento advertia-o de seu próximo e trágico fim. Poucos dias antes de deixar as plagas europeias, endereçou ele estas linhas ao seu particularíssimo amigo o senhor doutor Leal.

"Amigo Antônio Henriques: — Persuadido que uma longa viagem por mar me há de ser de algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que há um navio a sair no dia 10 do corrente (setembro de 1864); se há, vou nele. Em princípios de outubro devo lá estar, *se não ficar no mar...*

No caso de alguma catástrofe, *quod absit*, os retratos ficam para a biblioteca. Os manuscritos (cópias) manda para o Instituto.

Tenho, não sei por que, ainda esperanças que a viagem me fará bem, mas quando mesmo me não dê mal, e muito mal, é mais que provável que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

Adeus. Lembranças a Teófilo, Rego, Pedro, e mil saudades do teu do coração

GONÇALVES DIAS."

Firme no propósito anunciado embarcou-se a 14 desse mês e ano na barca *Ville de Boulogne*, com destino ao Maranhão, e quando sôfregos aguardavam-lhe a vinda amigos, parentes e afeiçoados, soou a



lutuosa notícia de sua morte ocorrida no naufrágio da mencionada barca. Eis como narrou essa catástrofe o correspondente do *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro:

"Começarei esta missiva por uma notícia tristíssima: o doutor A. Gonçalves Dias, morreu no dia 3 do corrente (novembro de 1864) em o naufrágio da barca francesa *Ville de Boulogne*, nas imediações do farol de Itacolomi.

Vinha o navio com quarenta e tantos a cinquenta dias de viagem do Havre, onde o ilustre poeta embarcou, persuadido de que um longo trajeto marítimo lhe havia de fazer bem, e desejava melhorar, ou morrer e ser enterrado na terra do seu berço. Lá em cima, estava previsto o contrário.

O poeta piorou consideravelmente na viagem. Contam as pessoas da tripulação da barca, que alguns dias antes do naufrágio, já o doente não se podia levantar, nem tomar alimento. Fumou charutos até quanto pôde, e quando nem isso mesmo lhe foi mais possível fazer, dizem que pedia à alguém que fumasse a seu lado e lhe soprasse à boca o fumo. Estava sem carnes, sem voz, sem vida.

O capitão da barca, afirma que, quando o navio bateu nos baixios, já Gonçalves Dias tinha morrido. Acredita-se, porém, que estando o ilustre poeta à morte, a tripulação o abandonou, deixando-o encerrado no camarote, do qual não podia sair por lhe faltarem as precisas forças. Veja que morte aflita e angustiada estava à espera do desditoso poeta!

Achava-se o navio a umas oito léguas do porto da capital.

Dizem os práticos da barra, e consta que o naufrágio parece ter sido intencional, porque no lugar em que ele se deu, só bate o navio que quer bater. Combina-se isto com a notícia de que o capitão não quis receber no Havre passageiro algum, admitindo o doutor Gonçalves Dias, depois de muitas instâncias, persuadido naturalmente de que o passageiro, gravemente enfermo, não aguentaria a viagem.

Logo que se soube do naufrágio, sua Excelência o senhor Presidente da Província, o senhor doutor Chefe de polícia interino, tomaram e expediram todas as providências, recomendando muito a procura do cadáver e dos baús pertencentes à bagagem do ilustre poeta. O segundo, de acordo com o primeiro, ofereceu um prêmio à pessoa que encontrasse o corpo. Outro prêmio e para o mesmo fim foi oferecido por vários amigos do doutor Dias, em cujo número se conta o doutor Antônio Henriques Leal."

Aludindo ao malogro de suas tentativas assim se exprime o referido senhor doutor Leal:

"Por mais diligências que empregamos os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos descobrir o cadáver de quem, para dobrado infortúnio, não chegou a dar o último alento nos braços de amizade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da pátria, e nem se quer temos podido obter até hoje (janeiro de 1868) os escritos que consigo trazia, e que estejam, segundo estou convencido, na cidade de Alcântara em poder de quem pretende, talvez, um dia aproveitar-se com eles."

Apagada a última centelha da esperança de encerrar os restos mortais do festejado poeta em modesto e decente jazigo, voltaram-se as vistas dos amigos para a ideia do erguimento de uma estátua que transmitisse aos pósteros seu glorioso nome.

Gonçalves Dias é inquestionavelmente o nosso primeiro poeta lírico: nenhum melhor do que ele compreendeu e executou as leis desse difícilíssimo gênero de composição. A bela alma do poeta espelha-se em suas inspiradas composições, e jamais deixou de revelar neles os generosos impulsos que o guiavam. Como os peixes nadam, os pássaros voam, os animais andam ou correm, assim poetava G. Dias, satisfazendo a uma imperiosa necessidade do seu organismo, isto sem o menor cálculo, sem a mínima ostentação.

Eis como o apreciava um estimado crítico contemporâneo:

"Antônio Gonçalves Dias, nas suas *Poesias Americanas*, aventajou-se aos seus predecessores, deixando ficar atrás de si o próprio Araújo Porto Alegre, que, em suas *Brasilianas* lhe mostrara o caminho que cumpria seguir. Não satisfeito de descrever subjetivamente a impressão que lhe causavam as particularidades da natureza e dos costumes brasileiros, ele conseguiu identificar-se objetivamente com as ideias e as expressões dos indígenas. Tão depressa o vemos como um vate indiano (*piaga*, ou *pajé*) explicar ou conjurar as visões, tão depressa entoar cânticos guerreiros, como cantar sacrifícios, e combates sanguinolentos. Ora chorar como um marabá, os destinos dessa raça mestiça, desprezada pelos indígenas, ora transformado em menino índio falar dos encantos da mãe d'água, que, semelhante as sereias, o atrai para seu leito úmido. Em uma palavra, Gonçalves Dias aproxima-se da *balada*; acha-se no melhor caminho para criar uma poesia verdadeiramente nacional e revestida de forma apropriada ao gosto do nosso tempo. Não é pois para admirar que as suas *Poesias Americanas* tenham adquirido no Brasil uma grande popularidade".

Não foi só no Brasil que as *Poesias Americanas* granjearam subidos louvores ao nosso autor: o vulto mais proeminente da literatura portuguesa contemporânea assim se expressou noutro escrito justamente célebre:

"Quisera que as *Poesias Americanas*, que são como o pórtico do edifício ocupassem nele maior espaço. Nos poetas transatlânticos há, por via de regra, demasiadas reminiscências da Europa. Esse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para imperar e nutrir os poetas que crescerem à sombra de suas selvas primitivas.

Cedendo a tais conselhos e exortações, consagrou-se Gonçalves Dias ao estudo da teogonia dos nossos indígenas, pesquisou-lhes as crenças e usanças, e nesse ponto levou as lampas (como muito bem observa Wolf) ao próprio senhor Porto Alegre, que lhe mostrara o

caminho. No colorido porém dos quadros, na plástica representação da esplêndida natureza tropical ficou muito abaixo de seu êmulo.

Seguindo a trilha dos senhores Magalhães e Porto Alegre, logrou Gonçalves Dias desde a sua primeira aparição no cenário da literatura nacional, ser contemplado entre seus principais chefes, excedendo-lhes ainda em popularidade. A razão dessa sobre-excelência cumpre buscar no fanatismo com que a juventude segue todas as inovações, e nessa espécie de feitiço operado pelo vocabulário indígena que o poeta naturalizou em seus *Cantos*. A exceção de um, ou de outro termo, indispensável para exprimir ideias que desconhecia a velha linguagem de nossos pais, cremos desnecessários semelhantes neologismos, e no nosso pensar mal inspirado andou o poeta dando-lhes tanta voga e inoculando na nova e esperançosa geração, o vírus da logomaquia.

Não era só em versos que sabia escrever o distinto literato: a prosa também mereceu-lhe particular esmero e nas páginas da *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, acham-se registradas memórias suas de reconhecido merecimento. Dentre elas avantajam-se pela importância dos assuntos e mestria de execução as intituladas *As Amazonas* e *o Brasil e a Oceania*.

No primeiro desses trabalhos investiga o grau de credibilidade que merece a tradição das amazonas na Síria e na Líbia, e os motivos que tiveram Orelana e Cristóvão da Cunha para supor a sua existência nas margens do majestoso rio que delas tomou o nome. Ao cabo de erudita e lúcida discussão, propende o autor pela negativa e afirma que jamais existiram semelhantes criaturas em parte alguma do mundo.

*O Brasil e a Oceania*, é um estudo de etnologia que abundantes luzes derrama sobre as intrincadas questões das origens das autóctones das novas regiões reveladas à Europa pela impavidez de seus nautas. Fazendo passar pelo esmeril de sua delicada crítica as várias opiniões dos sábios que largamente se ocuparam da matéria,

revelou uma proficiência científica que não era dado esperar de quem tão habituado estava aos arroubos da imaginação.

Antes de concluirmos esta rápida apreciação das obras de Gonçalves Dias, digamos duas palavras acerca dos *Timbiras*. Consideramo-lo como soberbo peristilo de colossal templo, cuja arquitetura ciclópica fusta-se ao compasso de Vetrúvio e Vignola. É porém uma obra inacabada, onde nem sequer se pode rastrear a traça que o autor pretendia dar-lhe, sendo portanto impossível aferir-lhe o mérito.

As *Obras Póstumas*, piedoso sarcófago erguido pelas mãos de amizade encerram as relíquias literárias do malogrado poeta. Como soe acontecer em tais publicações o ouro, as pérolas e as pedras preciosas, brilham ao lado das lantejoulas e das estalactites; produções efêmeras, ou mirando alvos mal conhecidos, sentem-se vexadas e confusas, tendo de comparecer no agora da imprensa. Representam outras esses períodos de transição, essas aspirações vagas e indefinidas, que os autores, semelhantes aos pintores da antiguidade, escondem cautelosamente às vistas profanas.

Pelo que dissemos, vê-se que Gonçalves Dias nascera poeta, como nasceu Camões e Bocage; o estudo aprimorou-lhe o estro: e se mais vivesse, e lhe fosse dado lançar retrospectivo olhar para seus escritos, temos fé que deles apagara algumas nódoas, e castigando-os com a lima de Horácio, legaria à posteridade irrepreensíveis e invejáveis exemplares de bom gosto e castiça linguagem.

J. C. FERNANDES PINHEIRO  
*Nova Friburgo, 20 janeiro 1870.*

## PRÓLOGO

O volume de poesias que agora submeto às provas públicas, é dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira que não é senão a continuação dos *Primeiro Cantos*; é ainda o mesmo estilo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menosprezada a metrificacão, — e a rima que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro que se dobra em todos os sentidos, — e o verso que se acomoda a todos os tons como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inexperientes.

A segunda parte é um ensaio filológico, — são sextilhas, em que adotei por meus a frase e o pensamento antigo, procurando tornar o estilo liso e fácil que não desagradasse aos ouvidos de hoje, e dar ao pensamento a cor forte e carregada daqueles tempos, em que a fé e a valentia eram as duas virtudes cardeais, ou antes as únicas virtudes. Coloquei-me no meio daquelas épocas de crenças rígidas e profundas — talvez de fanatismo, — e esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir como sentiam os homens de então, e por exprimi-los na linguagem que melhor os pude traduzir — a dos Trovadores, — linguagem simples mas severa, — rimada mas fácil, — harmoniosa e valente sem ser campanuda nem guindada. Variei o ritmo das sextilhas para que não cansasse; quis ver enfim que robustez e concisão havia nessa linguagem semiculta, que por vezes nos parece dura e malsoante, e estreitar ainda mais, se for possível, as duas literaturas — Brasileira e Portuguesa, — que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajam os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com doutro porte, e graça diferente.

Sei que ao maior número dos meus leitores não agradará esta segunda parte: era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevi-a contudo, porque aceito a inspiração quando e donde quer que ela me venha; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um

argueiro ou de uma crônica é-me indiferente: publico-as, se me agradam, rasgo-as, se me desprezem.

À aqueles críticos porém que se comprazem com o nascimento de um autor, que o seguem passo a passo durante a sua vida literária — animando-o pelo que nele veem de bom, reprovando o que lhes parece mau, franca e imparcialmente—sem amor como sem ódio, mas só pelo amor das artes, e talvez por que lhe não desagradará ver a luta do autor que começa, — a tenacidade do que porfia — a modéstia do que triunfa, — para estes, digo, todo o volume é significativo — toda a obra característica —todo o trabalho proveitoso.

Numeram os volumes, classificam as obras, apreciam o trabalho; — de todas as ideias formulam um só pensamento — de todas as cores formam um só quadro — de todos os traços uma só fisionomia.

Quando pois aparece um novo volume de um autor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontá-lo. Se o pensamento se enerva, se as cores desbotam, se a fisionomia se decompõem, — a morte vem próxima; a árvore vingou e deixa de vingar, — cresceu e torna-se raquítica, — produziu e torna-se estéril. Mas se pelo contrário o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta,—se o quadro reluz como que o retocassem de novo, — se a fisionomia se expande como que mostra ledice, e contentamento, — a vida será longa ; a árvore vingou e continua a vingar, floresceu e dará novas flores, produziu e dará novos frutos.

Para estes não será sem atrativo esta minha publicação, não como árvore de esperançosos frutos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flores se metamorfoseia, que toma novo aspecto, e por ventura agrada pela sua estranheza. Sobre o título que dei à primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro título, mas um simples número: são hinos, visões, poesias líricas e americanas, composições diversas e variadas que eu irei publicando em quanto merecerem o favor do público, se é que se dá o público destas coisas.

Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publicá-la com o pseudônimo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na História de São Domingos... Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o título, porque sem ele muitas das sextilhas seriam ininteligíveis.

*Rio de Janeiro, fevereiro de 1848.*



## CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

*Las lagrimas puras que entonces se vieiem*

*Acaso diviertem*

*En vez de doler.*

Zorrilla

Como é belo à meia noite  
O azul do céu transparente,  
Quando a esfera d'alva lua  
Vagueia mui docemente,  
Quando a terra não ruidosa  
Toda se cala dormente,  
Quando o mar tranquilo e brando  
Na areia chora fremente!

Como é belo este silêncio  
Da terra todo harmonia,  
Que aos céus a mente arrebatava  
Cheia de meiga poesia!  
Como é bela a luz que brilha  
Do mar na viva ardentia!  
Este pranto como é doce,  
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda  
Que enruga a face do mar,  
Que na terra passa e morre  
Sem nas folhas sussurrar!  
Os sons d'aéreo instrumento  
Quisera agora escutar,  
Quisera mágoas pungentes  
Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua  
A doce luz refletida,

Nem o mar beijando a praia,  
Nem a terra adormecida,  
Nem meigos sons, nem perfumes,  
Nem a brisa mal sentida,  
Nem quanto agrada e deleita,  
Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que este pranto  
Em silêncio gotejado,  
Meigo e doce, e pouco e pouco  
Do coração despegado;  
Não soro de fel, mas santo  
Frescor em peito chagado;  
Não espremido entre dores,  
Mas quase em prazer coado!

---

## CANÇÃO

*Yo no soy mas que ún poeta,  
Sin otro bien que mi lira.*

Zorrilia

Tenho uma harpa religiosa,  
Toda inteira fabricada  
De madeira preciosa  
Sobre o Líbano cortada.  
Foi o Senhor quem ma deu,  
Se santas palmas coberta,  
Que as notas suas concerta  
Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido  
Em que antigos Trovadores,  
Em tom de guerra atrevido,  
Cantavam trovas de amores.

Mas chegando a Santa Cruz,  
De volta do meu desterro,  
Cortei-lhe as cordas de ferro.  
Cordas de prata lhe pus.

Tenho tão bem uma lira  
De festões engrinaldada,  
Onde minha alma afinada  
Melindres d'amor suspira.  
Nas grinaldas, nos festões,  
Nas rosas com que s'inflora,  
Goteja o orvalho da aurora,  
Ditame dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,  
Só harpa, alaúde e lira;  
Nem vejo sorte mais bela,  
Nem coisa que prefira.  
Votei assim ao meu Deus  
A minha harpa religiosa,  
A ti a lira mimosa,  
O grave alaúde aos meus!

---

## LIRA

*Coeur sans amour est un jardin sans fleur.*

L. Halevy.

Se me queres a teus pés ajoelhado,  
Ufano de me ver por ti rendido,  
Ou já em mudas lágrimas banhado;  
Volve, impiedosa,  
Volve-me os olhos;  
Basta uma vez!

Se me queres do rojo sobre a terra,  
Beijando a fímbria dos vestidos teus,  
Calando as queixas que meu peito encerra,  
Dize-me, ingrata,  
Dize-me: eu quero!  
Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira  
Louvor singelo dos amores meus,  
Por que minha alma há tanto em vão suspira;  
Dize-me, ó bela,  
Dize-me: eu te amo!  
Basta uma vez!



### AGORA E SEMPRE

*Pone me pigris ubi nulla campis  
Arbor aestive recreatur aura,  
Dulce ridentem Lalagem amabo,  
Dulce loquenlem.*

Horácio

Ponham-me embora na crestada Líbia,  
Ou lá nas zonas em que o gelo mora  
Ali tua alma viverá comigo  
Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só ceiam,  
Nas altas serras que o condor habita;  
Ali ainda viverá contigo  
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,

Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.  
Cortado o rosto de gelado vento,  
Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,  
Aos crebros gritos do condor alpestre,  
Ardendo em chamas d'este amor sem termo,  
Direi? Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha  
Escute embora sepultar-me em vida;  
Embora sinta roxear-me os pulsos  
Férreas algemas;

Embora malhos de tortura infame  
Quebrem-me os ossos no medroso eqúleo:  
Agudos dentes de tenaz raivosa  
Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,  
Nos duros tratos da tortura bruta,  
Quer só comigo, quer em meio às gentes.  
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,  
Nem brutas feras, nem crueza humana  
Farão que eu sofra mais agudas dores,  
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,  
Cinge-te o corpo em divinais carícias,  
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,  
Goza-te e vive!

E eu no entanto esforço-me com dores!  
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,  
Louco bravejo, mísero soluço...

Desejo e morro!



## A VIRGEM

— *Tiene mas de vaporosa sombra  
De infabile vision que de muger.*

Zorilla

Linda virgem simelha a linda rosa,  
Que se abre ao romper d'alva;  
Encapelam-se as pétalas mimosas,  
Lacreadas de pudor com rubro selo:  
Cego mortal só lhe respira o incenso;  
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,  
Onde só Deus habita;  
Ali reina o mistério involto em sombras,  
E maga placidez involta em cantos:  
Só vê isto o profano; mas o antiste  
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmóreo leito  
Sua alma ingênua e bela:  
No fundo não se enxerga o verde limo,  
E a lisa face nos amostra os astros.  
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,  
Os anjos lá dos céus contemplam mudos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,  
C'roada de beleza,  
E a sombra da tristeza irresistível  
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;  
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,

Que as asas d'ouro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatá-me  
Simpática atração!  
Quisera doces carmes de ternura  
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa  
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: Um canto ao menos  
O acerbo exílio teu torne mais brando!

Baldado empenho! Começado apenas,  
Afrouxa-se-me o canto;  
Debaixo dos meus dedos mal palpita  
A corda melindrosa da minha Harpa;  
E como em espaço, que até d'ar carece,  
Tangida, o extremo som morre sem eco!



## O DONZEL

*Onde vais, o cavaleiro?*  
— *Ver quem de amor me matou*  
— *Vês este cadáver?* — *Vejo.*  
— *E vais a entrevista?* — *Vou.*

Freire de Serpa

### I

Já tremula sobre o ocaso  
Do sol o disco fulgente:  
Já se ergueu a lua inteira  
Lá das partes do oriente;  
Ergueu-se a brisa fagueira,  
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tênue e macio  
Perfume de linda flor;

Ergueram as densas matas  
O seu leve arfar de amor;  
Ergueu a voz do oceano  
O seu hino ao Criador,

## II

Eis que donoso mancebo  
Que brancas telas vestia,  
Por senda patente e clara  
Em seu ginete corria.

Não vê no trepido ocaso  
Do sol o disco fulgente,  
Nem da lua alvinitente  
O deleitoso fulgor;  
Não escuta o arfar dos bosques,  
Nem das aves o carpido,  
Nem das vagas o rugido,  
Nem da tarde almo frescor  
Sentir pode! — Corre a brisa,  
Ouve-se estranha harmonia;  
Mas na acesa fantasia  
Ferve inquieto, imenso amor!

## III

Praticando noutros tempos  
Alguns velhos encontrou:  
Louco! louco! — murmuraram.  
Sorriu-se o moço e passou.  
Velhos que a vida viveram,  
Que já não sabem viver,  
Que sobre a terra dos vivos  
Não têm de que ter prazer,  
Uns aos outros se perguntam,  
Quando em paz descansaram!  
Já vivestes vossa vida,



Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,  
Tendes morto o coração,  
Tendes a alma desmaiada,  
Nem sentis uma afeição.

Afeição, ledice, amores...  
Sobre as cãs não vinga o amor.  
Como sobre a rocha dura  
Não cresce mimosa flor.

#### IV

Mais além — gentis donzelas  
Brincando se divertia o,  
Embebidas nos folgares  
Lubricas danças teciam.

— Onde vais, gentil mancebo,  
— Nesse correr afanoso?  
— Onde vais? detém-te, espera;  
— Não nos fujas pressuroso!

Vou-me longe inda esta noite,  
Vou rever os meus amores;  
Já de mais hei sopeado  
Meu desejo e meus ardores.

A vossa vida é ventura,  
Vosso sorriso inocência,  
Vossa alma formosa e pura  
Não sofre de crua ausência!

Vosso amor, e só desejo  
É o sorriso da aurora,  
O arbusto, e a flor do prado,  
E a corrente sonora

Disse e passou: eis renascerem  
Leves danças na clareira,  
Ledos gritos pelo bosque,  
Leda cena feiticeira!

V

E não para, e prossegue, e devora  
Toda a senda o fogoso corcel;  
Aos reflexos da lua brilhante  
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevê-se os vestidos luzentes,  
Entrevê-se o corcel a fugir;  
Aos reflexos da lua brilhante  
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide  
A sereno e tranquilo pensar?  
Que lh'importa o frondoso arvoredado,  
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a beleza da terra,  
Que lh'importam estrelas ou mar?  
Que lh'importa? — o mancebo não pôde  
Mais que a ela no mundo enxergar.

Ela é pura, é celeste, é mimosa,  
E feitiço do nobre Donzel;  
Ela o ama, assim disse, ela o espera...  
Ledo o moço esporeia o corcel!

Temerário, onde vais pressuroso,  
Por que buscas na terra prazer?  
Insensato, prazer neste mundo...  
Só no triste que almeja morrer!

Por que afetos, ledice e ventura,  
Por que extremos de acesa paixão,  
São delírios que o tempo consome,  
São caprichos de amarga ilusão!

É veneno de flor que não cheira,  
Que a existência amargura cruel!...  
Esta vida é festejo de amores,  
É de flores — clamava o Donzel!

E não para, e prossegue, e devora,  
Toda a senda, e se apeia, — inda mal!  
Eis um vulto, ei-lo corre — já sente  
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia,  
Nesse instante de louca paixão,  
Nesse instante... pesou-se de extremos  
Tão mal pagos, de tanta traição.

## VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas  
Por tal arte, tão dura e cruel,  
Nunca sintas amor em tua vida  
Nunca extremos de nobre Donzel.

Nunca escutes a meiga linguagem  
De sincera, infinita paixão;  
E nas vascas da morte impiedosa  
Do que estimas te colha a traição.



## ROSA NO MAR!

*Rosa, rosa de amor purpúrea e bela,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!*

Por uma praia arenosa,  
Vagarosa  
Divagava uma Donzela;  
Dá largas ao pensamento,  
Brinca o vento  
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante  
Vem num instante,  
Que noutro instante se alisa;  
Mais veloz que a sua ideia  
Não volteia,  
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio  
Arfa o seio,  
Pranto ao riso se mistura:  
Doce rir dos céus encanto,  
Leve pranto,  
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário.  
Seu fadário.  
De ver o mar se recreia;  
De o ver, à tarde, dormente,  
Docemente  
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,  
Divagava  
Em seu pensar embebida;  
Tinha no seio uma rosa  
Melindrosa,  
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,  
Quando a rosa  
Do seio no chão lhe cai:  
Vem um'onda bonançosa,  
Qu'impiedosa  
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;  
De agastada,  
A virgem a não quer deixar!  
Boia a flor; a virgem bela,  
Vai trás ela,  
Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,  
Vem a rosa;  
Foge a onda, a flor também.  
Se a onda foge, a donzela  
Vai sobre ela!  
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,  
De enfadada  
Não quer deixar de insistir;  
Das vagas menos se espanta,  
Nem com tanta  
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela  
A virgem bela  
Recolhe e leva consigo;  
Tão falaz em calmaria,  
Como a fria  
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,  
Flutuantes

Nadaram brancos vestidos:  
Logo o mar todo bonança,  
A praia cansa  
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido  
Foi ouvido,  
Ia a noite em mais de meia.  
Toda a praia perlustraram,  
Nem acharam  
Mais que a flor na branca areia.



## O AMOR

*Amare amabam.*

Santo Agostinho.

Amor! Enlevo d'alma, arroubo, encanto  
Desta existência mísera, onde existes?  
Fino sentir ou mágico transporte,  
(O quer que seja que nos leva a extremos,  
Aos quais não basta a natureza humana;)  
Simpática atração d'almas sinceras  
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,  
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,  
Mirrou-me o coração da vida em meio,  
E à terra fez baixar a mente errada  
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!  
Não te pude encontra! — em vão meus anos  
No louco intento desperdicei; gelados,  
Uns após outros a cair precipites  
Na urna do passado os vi; eu triste,

Amor, pó ti clamava; — e o meu deserto  
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,  
Em vão minha alma te compr'ende e busca,  
Em vão meus lábios sôfregos cobiçam  
Libar a taça que aos mortais of'reces!  
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;  
Enquanto a vejo rasa, amarga e dura!  
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sorvo:  
Prazer, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me impuseste,  
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,  
Feri-me aos teus ardentes passadores,  
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...  
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,  
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,  
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios  
Das roseiras do céu; bater macio  
Das asas auribranças dalgum anjo,  
Que roça em noite amiga a nossa esfera,  
Centelha e luz do sol que nunca morre;  
És tudo, mais do qu'isto: és luz e vida,  
Perfume, e voo d'anjo mal sentido,  
Peregrinas essências trescalando!...  
Tão bem passas veloz, — breve te apagas,  
Como duma ave a sombra fugitiva,  
Desgarrada voando à flor de um lago!

---

**SEMPRE ELA**

*Per noctem quaesivi, quam*

*deligit anima mea, et non  
inveni illam.*

Cânticos dos Cânticos.

Eu amo a doce virgem pensativa,  
Em cujo rosto a palidez se pinta,  
Como nos céus a matutina estrela!  
A dor lhe há desbotado a cor das faces,  
E o sorriso que lhe roça os lábios  
Murcha ledos sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,  
Tem expressões d'angélica doçura,  
E a mente do que as ouve, se perfuma  
De amor profundo e de piedade santa,  
E exala eflúvios dum odor suave  
De aloés, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,  
De dor oculta remordida, anseia  
Desabrochar-se em confiança amiga,  
Neste mundo o que sou? — triste clamava;  
Pérsica involta em pó, entre ruínas,

Erma e sozinha a revolver-me em pranto!  
Flor desbotada em hástea já roída,  
De cujo tronco as outras amarelas  
Já rojam sobre o pó, já murchas pendem!  
É sentir e sofrer a minha vida!  
Merencória dizia, erguendo os olhos  
Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mundo alcion por sobre os mares,  
E próximo a seu fim desata o canto;  
A rosa do Sarão lá se despenha  
Nas águas do Jordão? E como a rosa,



Como o cisne, do mar entre os perfumes,  
Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa  
Nas águas da corrente, e como o nauta  
Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado  
Sobre as águas do mar, cantado a morte;  
Eu também a segui — a rosa, o cisne,  
Que lá se foi sumir pó clima estranho.

E depois que os meus olhos a perderam,  
Como se perde a estrela em céus infindos,  
Errei pó sobre as ondas do oceano,  
Sentei-me a sombra das florestas virgens,  
Procurando apagar a imagem dela,  
Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos  
Meu astro procurei entre os mais astros,  
Qu'outrora amiga sina me fadara!  
Com brilho embaciado e lua incerta  
Nos ares se perdeu antes do ocaso,  
Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

---

## MIMOSA E BELA

*De ano em ano se torna mais formosa,  
E novo brilho, novas graças cria.*

Caldas.

### I

Tão bela és, tão mimosa,  
Qual viçosa  
Fresca rosa,  
Que em serena madrugada

Despontada,  
Rorejada  
Foi pelo orvalho do céu;  
E a aurora que tudo esmalta,  
Brilha reflexos de prata  
No orvalho que ali prendeu.

## II

Quando um penar aflitivo,  
Sem motivo,  
D'improviso  
Tua alma ocupa e entristece,  
Que padece,  
Que esmorece  
Com aquele imaginar;  
Aumenta a tua beleza  
Lânguido véu de tristeza,  
Palor de quem sabe amar.

## III

Assim murcha a sensitiva,  
Sempre viva,  
Sempre esquiva;  
Assim perde o colorido  
Por um toque irrefletido  
Mal sentido:  
Assim vai o nenúfar,  
Como que sofre e tem mágoas,  
Esconder-se em fundas águas,  
Te que o sol torne a brilhar.

## IV

Mas também a flor brincada,  
Perfumada,  
Debruçada  
Sobre a tranquila corrente,  
Logo sente

Vir a enchente  
Longe, longe a rouquejar,  
Que a pobrezinha desfolha,  
Sem lhe deixar uma folha,  
Sem deixá-la em seu lugar.

V

Não consintas pois que as mágoas,  
Como as águas,  
Que das fragas  
Furiosas vêm tombando,  
Vão tomando,  
Vão levando  
A flor do teu coração!  
Há na vida u' amor somente,  
Um só amor inocente,  
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flor, bem-fadada,  
Suspirada,  
Bafejada  
Pela brisa que a namora,  
Pela frescura da aurora,  
Que a colora:  
À luz do sol se recreia.  
E de noite se retrata  
Da fonte na lisa prata,  
Quando o céu de luz se arreia.

---

AS DUAS AMIGAS

*... Vivamos juntas  
Num só lugar!  
Num só lugar, ou sejam mansos ares,*

*Se ali te exaltas;  
Ou sejam campos, se é ali que a relva  
De pranto esmaltas.*

Victor Hugo

Já vistes sobre a flor de manso lago  
Duas aves brincando solitárias,  
Já pousadas na lisa superfície,  
Já levantando voo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,  
Branças, orladas com listões de fogo,  
A deslumbrante alvura cambiando  
Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,  
Abrindo ao romper d'alva as longas asas,  
Onde reflete o sol, como em um prisma,  
Belas, garridas cores?

Nem as pombas que vagam solitárias,  
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas  
Borboletas gentis que adejam livres  
Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,  
Airosas, belas, com sorrir singelo,  
Da vida negra e má duros abrolhos  
Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,  
De perfume e de amor, guardam no peito,  
Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,  
Quanto há de belo — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,

Seus olhos como um lago transparente,  
Sua alma como uma harpa harmoniosa,  
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,  
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,  
E uma gota de orvalho ensopa as asas  
Das leves mariposas.

Desgarrdas voando as aves fogem,  
Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,  
Nem mais adejam borboletas vagas  
Sobre o esmalte das flores.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?  
Depois que derramou grato perfume  
Sobre as asas dos ventos que a bafejam,  
A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza  
No peito da mulher, que menos ame,  
É como essência preciosa e grata,  
Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem,  
Leves emanações, gratos eflúvios  
Há de eterno verter da mesma essência,  
Talvez porém mais doces.



## SONHO

*Ah! frown not, sweet lady; unbend your soft brow,  
Nor deem me too happy in this;  
If I sin in my dream, I atone for it now,*

*Thus doomed, but to gaze upon bliss.*

Byron

Sonhava esta noite, Donzela formosa,  
Já quando as estrelas tombavam no mar,  
Que eu via a meu lado uma esbelta figura

Divina e mimosa...

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria  
D'estrelas fulgentes de brilho sem par;  
O rosto era vosso, era vossa a estatura,

E o anjo dizia...

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:  
Afetos que em outro não pude encontrar  
Por fim me renderam, — paixão lisa e pura — ,

Que tanto sofreste...

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

Pois tanto sofreste, não devo impiedosa  
Fineza tão grande por fim mal pagar!  
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,

E uns lábios de rosa...

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte  
Com tépidos beijos de fervido amar!  
Prazer tão subido após tanta amargura,  
Não sei como o conte!...

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos lábios de rosa  
Vivi encantado sem ver, nem pensar,  
Enquanto apertava a ligeira cintura,  
Cintura mimosa...  
Sonhar é ventura;  
Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia  
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,  
E um cinto de amores com broche esmaltado  
De meiga poesia!...  
Quem tão bem fadado  
Vivesse a sonhar!

De meiga poesia, meu bem minha amada,  
Já pago de quanto me fazeis penar,  
Então vos tangia descantes na lira,  
Na lira afinada!  
O sonho é mentira;  
Não quero sonhar!



## HARMONIAS

### PRIMEIRA VOZ

Quando da noite o denso véu se estende,  
E a lua pálida entre nuvens gira,  
E dentre as folhas uma voz suspira  
Que diz prazer e doce amor acende;

Ao par amante, que inocente vaga,  
Sou eu quem prendo em derretido enleio:  
— Secura ou fogo, ardente devaneio  
Que dá morte a paixão, que sempre afaga.

Sou eu que às folhas dou verter frescura,  
Que falo amores no correr da brisa,  
Que deslustro a paixão sincera e lisa  
Aos torpes beijos da lascívia impura.

#### SEGUNDA VEZ

Eu porém no peito amante  
Sou quem fomento a paixão,  
Amor na virgem mimosa,  
No jovem dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,  
Quem falo nos sonhos seus,  
Prazeres envergonhados  
— Tão puros, como nos céus.

Dou-lhes palavras sublimes  
Nunca ouvidas por ninguém,  
E gozos nunca fruídos,  
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojados,  
Talvez subida amargura,  
Donde sai o amor provado  
A' prova da desventura.

#### PRIMEIRA VOZ

E eu dessa paixão nobre e singela,  
Ao meigo jovem, que de amor doideja,  
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja  
Que apagar seu amor nos braços dela.

Eu os conduzo mais falaz que humano,  
Ela adornada de beleza e flores,  
Ele mal sufocando seus ardores,  
Ao templo, onde os espera o desengano!



Satisfeita a paixão vem logo o frio,  
O gelo que lhes lavra em todo o peito;  
Já se nota um defeito, e outro defeito,  
Já cresce em ambos o pesar tardio!

#### SEGUNDA VOZ

Talvez ambos se arrependem,  
Talvez se nota o defeito,  
Tardo pesar que não dura  
Talvez lavra em todo o peito;  
Mas soando a desventura  
Dar-lhes-ei nova paixão,  
— Centelha viva, não cinza  
Na frágua do coração.

Sou eu que o sono afugento  
Quando vela a casta esposa  
Junto ao leito, onde repousa  
O esposo que mal padece;  
Quisera ser em vez dele,  
Quando a morte o ameaça;  
'Té de si mesma se esquece,  
'Té de quanto sofre e passa.

#### PRIMEIRA VOZ

Vela meigo-sorrindo a casta esposa,  
Vela no leito onde, a aflição descansa,  
Mas talvez lhe sugiro uma lembrança  
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõem um sorriso honesto e brando,  
Se ameiga a voz, a doce como esparsa,  
Sorriso e voz fino punhal disfarça,  
Que vai no peito incauto à furto entrando.

Ah! quantas vezes! quantas! não transuda

O leito conjugai banhado em sangue,  
E ele ou ela, atraído, exangue,  
Já quase morto, a traição vil desnuda?!

#### SEGUNDA VOZ

Talvez ciumenta esposa,  
Talvez cioso marido,  
Irado, o punhal buído  
Levanta... mas nesse instante  
Mostro-lhe o meigo semblante  
Do filho seu que descansa,  
Como que o sono lhe traga  
Sonhos que traz na lembrança

A tal vista se enternece,  
A suposta injúria esquece,  
A coragem lhe falece,  
E o punhal lhe cai da mão;  
E onde o ferro traiçoeiro  
Devera d'entrar primeiro,  
Beijando por derradeiro  
Pede chorando o perdão.

---

#### O BARDO

(Visão)

*Must all the finer thoughts, the thrilling sense,  
The electric blood with which their arteries run,  
Their body's self-tuned soul with the intense  
Feeling of that which is, and fancy of  
That which should be, to such a recompense  
Conduct? Shall their bright plumage on the rough  
Storm be still scatter'd? — Yes, and it must be!*

Byron

Era uma sala de rei comprida e larga  
De primores vestida. — Nos tapetes  
Hábil artista desenhara a história  
Dos anos decorridos; — das janelas  
Pendia a seda multicolor, — rojavam  
No liso pavimento as franjas d'ouro  
Do brilhante espaldar. — Sentado nela  
O rei, já velho, em roda de ministros  
Num canto do salão retinha os olhos  
Segui-lhe a vista, e vi... — Era um mancebo  
Modesto e belo; tinha um quê nos olhos  
De pudor virginal, de meigo encanto,  
Que prendia a atenção. — Em pé, cruzadas  
Sobre uma harpa singela as mãos nevadas  
Em voz segura e baixa ao rei falava.

Por isto, senhor rei, vim ter convosco!...

Isto apenas lhe ouvi; sutil sorriso  
Do monarca passou nos roxos lábios,  
Que hipócrita e sarcástico dizia:

— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — As vezes  
Quando este encargo de reinar me deixa  
Mas livre respirar, — sobre mil praças  
Deste palácio meu lançando os olhos,  
O doce canto da vossa harpa escuto,  
E o longo aplauso palpitante, e os ecos  
Do forte sussurrar de amor, de enlevos,  
Que a turba eleva com prazer.... Auxílios  
Não vos posso prestar, que o erário tenho  
Exausto e pobre! —

Oh! nem de mim vos falo,  
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?  
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos

São altos fustes, que têm mão do trono  
Sois deste o criador, porém daqueles  
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida  
Nisto gastamos, se mais crente o povo  
Depois cie nós a nosso exemplo fica,  
É justo, senhor rei, que o trono cure  
De quem sobre ele de contínuo vela.  
Somos do mundo sem saber do mundo;  
Aprove ao senhor Deus lançar-nos nele,  
Sem vida para nós, com tanta vida,  
Com tanta força de querer p'ra os outros.  
Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,  
Lemos o nome do Senhor nos astros;  
Sonhamos ilusões, lançando os olhos  
Sobre a terra florida, ou sobre o campo  
Liso, imenso dos céus, — vagando sempre  
Do passado ao futuro! — Somos loucos,  
Bem loucos, senhor rei! — Enquanto a vida  
Em proceloso mar corre sem termo,  
Até que a morte um dia nos afunde  
Cantamos sempre; nem de auxílio estranho  
Havemos de mister, que o melhor canto  
De soluços e lágrimas se embebe! —  
Mas se hospícios haveis para os que sofrem,  
Nós sofremos tão bem, — tão bem mendigos,  
Trocamos, como outrora o velho Homero,  
Celestes carmes por um pão de ázima!

—Falais do mundo sem saber do mundo,  
E do vosso mister sem saber dele;  
Tornou-lhe o rei com rosto carregado,  
Sou injusto e cruel!... vós o dissestes!  
Mas quem sois? — que fazeis? — Ao povo estulto  
Co'a branda lira efeminais; no canto  
Vil peçonha entornais em néscias mentes;  
De perversa moral lições na cena  
Dais em verso pomposo; — loucos, cegos,

Profetas vos dizeis... — Meu trono acaso  
Sustentas tu co'a lira? — Se o sustentas,  
Retira o braço, quero-o ver por terra,  
Quero crer na tua crença; e se és profeta,  
Eu to suplico, do porvir me fala! —

Como de sob os pés vos foge o bando  
De sussurrantes passarinhos, quando  
Pensativo calcais na densa mata  
As secas folhas, rugidoras, soltas;  
Como sobem confusas, pipilantes,  
Ouvindo o estranho som que as amedronta,  
Da Harpa as notas soam, vibram, fogem:  
Lá se perdem nos ares, lá renascem,  
Já de novo ressoam, como abelhas.  
Que sobre vivas flores descansadas,  
Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.

Reis da terra, o que sois? Oh! quase um nada,  
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,  
Autômatos de orgulho, atores tristes  
Em público tablado:  
Um que em dia aziago entre os clamores  
Da multidão falaz entrou no templo;  
Era o templo adornado, — ali soldados,  
Ali densos convivas,  
Resplandecente d'ouro, e seda, e joias;  
Ali morno silêncio qual precede  
Da batalha o fragor — troava o sino,  
E foi c'roado... escravo!

Mas quando o Senhor Deus um bardo cria,  
Funde-lhe a mente de trovões, de raios,  
De nobre fogo lh'incendia o peito  
De cólera e de amor!  
E o manda sobre a terra ingrata e nua,  
Que voe sobre os astros, que a sentença,

Que Baltazar temeu, grave nos muros  
D'impudico festim!  
Que suspire, que gema, que soluçe,  
Que se lembre dos céus cantando a terra,  
Que um amigo não tenha que a sua vida  
É sofrer e cantar!

Mas ai do triste que não sente enlevos  
De ouvir um doce canto ao som da lira:  
Mas ai do rei, que não suspira aflito  
De aflito suspirar!  
Mas ai do triste rei! que nunca o bardo  
Nos versos divinais dirá seus feitos,  
Nem o seu nome se lera na pedra  
De gelado sepulcro.  
Vai com ele a lisonja a sepultura,  
Com ele o seu palácio irá por ferra,  
Não será pedra sobre pedra  
Inteira a mole cairá!

Calou-se, mas cumpriu-se o vaticínio:  
Morreu sem nome o rei, — a mole inteira  
Por terra jaz — uma coluna atesta  
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguém pergunta:  
O modesto pastor que a dura calma  
Passou a sombra da frondosa copa,  
Quando sem graça a vê, pergunta acaso  
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas?  
A virgem que em passeios solitários  
Respira o aroma de uma flor singela,  
Pergunta acaso no verão torrado  
Se a melindrosa flor ainda existe,  
Ou existindo, em que lugar se esconde?  
Assim do bardo os feiticeiros versos!  
Ressoam, como nota harmoniosa,

Gomo suspiro d' inocente virgem  
Na placidez da noite adormecida;  
Ressoam, mas tão bem se extinguem prestes,  
Como nota de uma harpa vaporosa,  
Como o perfume que uma flor exala,  
Como o suspiro que uma virgem solta!



## SOLIDÃO

*Solo e pensoso i più deserti campi  
Vo misurando a passi tardi e lenti,  
E gli oechi porto per fuggire intenti  
Ove vestigio human l' arena stampi.*

Petrarca

Se queres saber o meio  
Por que as vezes me arrebatada  
Nas asas do pensamento  
A poesia tão grata;  
Por que vejo nos meus sonhos  
Tantos anjinhos dos seus:  
Vem comigo, ó doce amada,  
Que eu te direi os caminhos,  
Donde se enxergam anjinhos,  
Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,  
Das cidades populosas,  
Do vegetar entre as vagas  
Destas cortes enganosas;  
Fujamos longe, bem longe,  
Deste viver cortesão!  
Fujamos desta impureza,  
Só vês cordura por fora;  
Mas nunca o vício que mora

Nas dobras do coração!

Fujamos! Que nos importa  
Rodar do carro que passa,  
Esta orgulhos vã glória,  
Que se resolve em fumaça?  
Estas vozes, estes gritos,  
Este viver a mentir?  
Fujamos, que em tais lugares  
Não há prazer inocente,  
Só alegria que mente,  
Só lábios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;  
Vivamos ali sozinhos,  
Sozinhos, mas descuidados  
D'estes cuidados mesquinhos;  
Tu o azul do espaço olhado  
E eu só a rever-me em ti!  
Quando depois nos tornarmos  
À terra serena e calma,  
Aqui acharei tua alma,  
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano  
Que d'imenso a vista cansa;  
Dormirei no teu regaço  
Quando o tempo for bonança,  
Quando o batel for jogando  
Em leve ondular sem fim.  
Mas nos roncões da procela,  
Nossos olhos encontrados,  
Nossos braços enlaçados,  
Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos  
Das setas que arroja a sorte;



Vivamos nas minhas selvas,  
Nas minhas selvas do norte,  
Que gemem nênias sentidas  
    No seio da escuridão.  
Não tem doçura o deserto,  
Não têm harmonia os mares,  
Como o rugir dos palmares  
    No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca  
Nas folhas de cor sombria;  
Como o sol, pintor mimoso,  
    Seus acidentes varia;  
Como é doce o romper d'alva,  
    Como é fagueiro o luar!  
Como ali sente-se a vida  
Melhor, mais viva, mais pura  
Naquela eterna verdura,  
    Naquele eterno gozar!

Vem comigo, oh! Vem depressa,  
    Não se esgota a natureza;  
Mas desbota-se a inocência,  
    Divina e santa pureza,  
    Que dá vida aos objetos.  
    Feituras da mão de Deus!  
Vem comigo, ó doce amada,  
    Que são estes os caminhos,  
Donde eu enxergo os anjinhos,  
    Que tu vês nos sonhos meus.



## A UM POETA EXILADO

*Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre,  
Et la coupe enivrante où, trompant son délire,*

*La gloire verse tant de fiel,  
Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,  
Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,  
Hélas! qui ne sont pas le ciel!*

Victor Hugo

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,  
Vi novos vales, novas serranias,  
Vi novos astros sobre mim luzindo;  
E eu só! E eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Douro, ao Tejo  
Pedi inspirações, — e o Douro e o Tejo  
Do mísero proscrito repetiram  
Sentidos carmes.

Repetiu-mos o plácido Mondego;  
Talvez em mais de um peito se gravaram,  
Em mais de uns meigos lábios murmurados,  
Talvez soaram.

Os filhos de Minerva, novos cisnes,  
Que a fonte dos amores meigos cria,  
E alguns de Lísia sonoros vates,  
Sisudos mestres;

Ouvindo aquele canto agreste e rudo  
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga  
Rugindo, como o vento na floresta,  
Prenhe d'augúrios;

Benignos me olharam, e aos meus ensaios  
Talvez sorriram; porém mais prendeu-me,  
Quem sofrendo como eu, chorou comigo,  
Quem me deu lágrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido  
Só cantar e sofrer, não vejo embalde  
Ao canto a dor unida, — e os repassados  
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,  
Choro e digo entre mim: Pobre Canário  
Que fado mau cegou, por que soltasse  
Mais doce canto;

Pobre Orfeu, nestes tempos mal nascido,  
Atrás dum bem sonhado pelo mundo  
A vagar com lira — um bem que os homens  
Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dor te abrande:  
A vida é breve, e o teu cantar simelha  
Vagido fraco de menino enfermo,  
Que Deus escuta.



## PALINÓDIA

*O céu não te dotou de formosura,  
De atrativo exterior, e a natureza  
Teu peito inficionou co'a vil torpeza  
D'ingrata condição falaz e impura!*

Bocage

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,  
Apesar da aversão que tenho ao crime,  
Inteiro me embucei nos seus andrajos,  
Em tremedal de vícios;

S só por vós descri do que era nobre,

Por que involto em torpeza imunda e feia,  
As vestes da virtude imaculada  
Rebolquei-as no Iodo;

Se só por vós persegue-me o remorso,  
Que os dias da existência me consome,  
E entre angústias cruéis minha alma anseia,  
— Ludíbrio dos meus erros:

Consenti que a moral os seus direitos  
Reivindique uma vez, e que a minha alma  
Das lições que bebeu na pura infância  
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus lábios,  
Duras verdades trovejando em verso,  
Fazer de vós, o que a razão não pôde,  
Mulher ou estátua!

Mentistes quando amor tínheis nos lábios.  
Mentistes q compor meigos sorrisos,  
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...  
Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia  
Finge extremos de amor que ela não sente,  
E o rosto of'rece a ósculos vendidos,  
Ao sigilo da infâmia.

Quantas vezes, Senhora, não caístes  
Humilhada, à meus pés, desfeita em pranto,  
Chorando — e que choráveis? — a jurar-me...  
Que juráveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga  
A cair gota a gota dos meus lábios  
No que eu supunha cicatriz recente,

E que era úlcera funda;

Se me vistes os olhos incendiados,  
Sangrar-me o coração no peito aflito  
Ao fel das vossas dores, que azedáveis  
Co' o pranto refalsado,

Ouvi! — não éreis bela, — nem minha alma  
Vos amou, que um modelo de virtudes,  
— Um sublime ideal — amou somente;  
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,  
Aos negros vícios mais que muito afeita,  
Já feia, já corrupta, já sem brilho...  
Amá-la eu, Senhora!

Deitar-me sob a copa traiçoeira,  
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;  
Recostar-me no seio onde outros dormem,  
Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga  
Visgo nojento d'ósculos comprados;  
Crer no que dizem olhos mentirosos,  
Em prantos de loureira!

Antes curvar o colo envilecido  
Ao jugo vil da escravidão nefanda;  
Beijar humilde a mão que nos ofende,  
Que nos cobre de opróbrio!  
Antes, possesso d'imprudência estúpida,  
Brincando remexer no açafate,  
Onde por baixo de mimosas flores,  
O áspide se esconde!

Mas eu, nos meus acessos de delírio,

Voz importuna de contínuo ouvia,  
Cá dentro de mim, a rep'ender-me sempre  
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idólatra se culpa,  
Nos espasmos d'ascética virtude,  
De não amar assaz o vão fantasma,  
Se suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,  
Cospe afronta e desdém, e à chama entrega  
O cepo vil, que não mereces altares,  
Nem d'ofrendas é digno!

Releva-se a imprudência feminina,  
Inda um erro, uma culpa se perdoa,  
Se a desvaira a paixão, se amor a cega  
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdoa a quem mais ama,  
Talvez da vida a negra mancha apaga  
A quem as asas de algum anjo orvalha  
De lágrimas contritas.

Mas não a aquela, em cujo peito mora  
Torpeza só, — onde o amor se cobre  
De vícios — a nutrir-se d'impurezas,  
Como vermes de Iodo.

Se porém te aproveita o meu conselho,  
À quem, mais do que a mim, tens ofendido,  
Que entre os risos do mundo, vê tua alma  
E lê teus pensamentos;

Se não crês noutra vida além da morte,  
Roga se quer a Deus, que te não rompa  
À luz do sol divino da Justiça

A máscara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgável,  
A dura opinião — te não entregue,  
Sozinha, e nua, e d'irrisão coberta,  
À popular vindicta!



## OS SUSPIROS

*¡Mucha pena ¿verdad? mucha amargura  
Guardaba allá en sus senos escondida  
Al despedirte el alma dolorida,  
Hija de su cariño y su ternura!!*

Julián Romea

Muitas vezes tenho ouvido,  
Como lânguidos gemidos,  
Frouxos suspiros partidos  
Dentre uns lábios de coral:  
A fina tez lhes deslustram,  
Bem como o alento que passa  
Sobre o candor duma taça  
De transparente cristal.

Ouvido os tenho mil vezes  
Do coração arrancados,  
Sobre lábios desmaiados  
Sussurrando esvoaçar!  
Como flor submarinha  
Da funda gleba arrancada,  
De vaga em vaga arrastada,  
Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,  
Enquanto a lua fulgura,

Quando a virgem d'alma pura  
Feita seus olhos no céu:  
Notas de mundo longínquo  
Repasadas de harmonia,  
Diamante que alumia  
A tela de um fino véu!

Tu, virgem, por que suspiras?  
Quando suspiras que cismas?  
Em que reflexões te abismas,  
— Do passado ou do porvir;  
Mas não tens passado ainda,  
Tudo é flores no presente,  
Brilha o porvir docemente,  
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?  
— Murmura trepida a fronte,  
De relva se cobre o monte,  
As aves sabem cantar;  
O ditoso tem sorrisos,  
O desgraçado tem pranto,  
A virgem tem mais encanto  
No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,  
É da alma a voz primeira,  
A expressão mais verdadeira  
Da sina e do fado teu!  
Vago, incerto, indefinido,  
Tem um quê de inexplicável,  
Como um desejo insondável,  
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,  
Ó doce virgem mimosa,  
Como nota harmoniosa,



Como um cântico de amor;  
Mais do que a flor entre as vagas  
Sem destino flutuando,  
Folgo de os ver expirando  
Em lábios de rubra cor.

Mais que a longínqua harmonia,  
Que o alento fraco, incerto,  
Que o diamante coberto,  
Cintilando almo fulgor;  
Folgo de ouvir teus suspiros,  
Ó doce virgem mimosa,  
Como nota harmoniosa,  
Como um cântico de amor!



## QUEIXUMES

Onde estás, meu senhor, meus amores?  
A que terras — tão longes! — fugiste?  
Onde agora teus dias se escoam?  
Por que foi que de mim te partiste?

Não te lembras! Quando eu te rogava  
Não te fosses de mim tão asinha,  
Prometeste-me breve se minha  
Tua vida, que o mar me roubava.

Tão amigo do mar foste sempre,  
Por que amigos talvez não achaste!  
Nem carinhos, nem prantos te ameigam?  
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

Vejo além o lugar onde estava  
Tua esbelta fragata ancorada,  
Mal sofrida jogando afagada

Do galerno que amigo a chamava.

Da partida era o fúnebre instante,  
Breve instante de aflitos terrores,  
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,  
Me roubava meus puros amores!

Inda choro essa noite medonha,  
Longa noite de má despedida!  
Teu amor me deixaste nos braços,  
Nos teus braços levaste-me a vida!

Oh! Cruel, que então foste comigo,  
Que te hei feito que punes-me assim?  
Teu navio que tantos levava,  
Não podia levar mais a mim?

Mas a mim! — que importava que eu fosse?  
Não me ouvira a tormenta chorar,  
E morrer me seria mais doce  
Junto a ti, — que o meu triste penar!

Junto a ti me era a vida bem cara,  
Oh! Bem cara! — se ledos sorrias,  
Se pensavas sozinho e profundo,  
Se agras dores contigo curtias;

Eu te amava, senhor! — Nem podia,  
Dentro em mim, convencer-me que fosse  
Outra vida melhor, nem mais doce,  
Nem que o amor se acabasse algum dia!

Mas o mar tem lindezas que encantam,  
Tem lindezas, que o nauta namora,  
Tão bem dizem que vozes descantam  
No silêncio pacato desta hora!

São de ninfas os mares peçados,  
Tão bem dizem que sabem magia,  
Que suscitam cruel calma,  
Só d'ém torno dos seus namorados!

Alta noite, bem perto, aparece,  
Como leiva juncada de flores,  
Ilha fértil em fáceis amores,  
Onde o nauta da vida se esquece!

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha  
Quando o peito de branco marfim  
Perceberes na preta mantilha,  
Sombreado por leve carmim;

Quando vires passar a Andaluza  
Pelos montes, com ar majestoso,  
Decantando nas modas de que usa  
As loucuras do Cid amoroso;

Quando vires a mole Odalisca  
De beleza e de extremos fadada,  
Respirando perfumes da Arábia,  
Em séricos tapizes deitada;

Quando a vires co'a fronte bem cheia  
De riquezas, de graças ornada,  
Pelo andar do elefante embalada,  
Que alta escolta de eunucos rodeia;

Quando vires a Grega vagando  
Pelas Ilhas de Cós ou Megara,  
Em sua língua, tão doce, cantando  
Seus amores que o Turco roubara;

Quando a vires no Carro de Homero,  
Bela e grave e sisuda lavrando,

Pelos montes melífluos do Himeto  
A parêha de bois aguilhoando;

Não te esqueçam meus duros pesares,  
Não te esqueças por elas de mim,  
Não te esqueças de mim pelos mares,  
Não me esqueças na terra por fim!

Se eu fosse homem, tão bem desejara  
Percorrer estes campos de prata,  
E este mundo, na tua fragata,  
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

Qu'ria ver a andorinha coitada  
Nos meus mastros fugida pousar,  
E achar no convés abrigada,  
Quando o vento começa a reinar!

Ver o mar de toninhas coberto,  
Ver milhares de peixes brincar,  
Ver a vida nesse amplo deserto  
Mais valente, mais forte pular!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,  
Ou fosse tempestade ou calmaria,  
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,  
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,  
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,  
Assim dos homens a paixão se move,  
Falaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre  
O mesmo que ao princípio ardente amava;  
Oxalá não diga eu que me enganava,  
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,  
Ou fosse tempestade ou calmaria,  
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,  
Só de ti, só de ti me lembraria!



## AO ANIVERSÁRIO DE UM CASAMENTO

(A Mrs. A. N. da G.)

A filha d'Albion bem-vinda seja  
Ao solo brasileiro!  
Bem vinda seja às margens florescentes  
Do rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Pátria ao longe,  
Que vejas incessante  
As memória, os templos, os palácios  
Da Cidade gigante?

A pátria é conde quer que a vida temos  
Sem penar e sem dor;  
Onde rostos amigos nos rodeiam,  
Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolam  
Na nossa desventura,  
Onde alguns olhos chorarão doridos  
Na erma sepultura;

A pátria é onde a vida temos presa:  
Aqui tão bem há sol!  
Tão bem a brisa corre fresca e leve  
Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,

Tão bem os céus têm cor;  
Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,  
E os astros tem fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,  
De mimoso tapiz;  
Nas asas do silêncio desce a noite  
Tão bem sobre o infeliz!

A filha d' Albion bem vinda seja  
Ao solo brasileiro;  
Bem-vinda seja às margens florescentes  
Do Rio hospitaleiro!

Compridos anos e folgados viva  
Neste ditoso clima,  
E veja à par dos filhos seus queridos  
Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seu feliz consórcio  
De novo em cada ano  
Soltar um hino de amizade estreme,  
Um canto mais que humano!



### **CANTO INAUGURAL**

*(À memória do cônego Januário da Cunha Barbosa)*

Onde essa voz ardente e sonora,  
Essa voz que escutamos tantas vezes,  
Polido como a lâmina dum gládio,  
Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,  
No púlpito serena, amiga e branda,  
Pelos naves do templo reboava,

Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,  
Onde um vulcão de ideias borbulhava  
E o generoso ardor de uma alma nobre  
— Onde param tão bem?  
Novo Colombo audaz por novos marés,  
A sonda em punho, os olhos nas estrelas,  
Co'as brônzeas quilhas retalhado as vagas  
Do inóspito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,  
No manto do porvir bordava ufano,  
Sob os troféus da liberdade sacra,  
Os destinos da Pátria!

Noturno viajor que andou vagando  
A noite inteira, a revolver-se em trevas,  
Onde te foste, quando o sol roxeia  
Nevem de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces ressequidas  
Parou sem força o coração no peito,  
Quando somente um pé firmava a custo  
Na terra prometida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe.  
Inda a vejo pendente, sobre as páginas  
Da pátria história, onde gravou seu nome  
Tarjado em letras d'ouro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida  
Talvez quadro maior lhe afigurava  
Eu a luta acerba do Titã brioso,  
Última prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,

Que nos retrata o cataclismo horrendo,  
Que ele — poeta — não achou nos combros  
Da ignívoma Tessália!

Inveja... mas às formas do Gigante  
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo  
Da verde Erin, entre os heróis famosos  
Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutastes!  
Dorme agora no gélido sudário;  
Foi duro o afã, aspérrima a contenda,  
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sono eterno;  
Mas sobre a lousa do sepulcro humilde,  
Como na vida foi, surja o teu busto  
Austero e glorioso.

Coluna inteira em combros derrocados,  
Rolo encerado, que já beija as praias  
Do remoto porvir, — seguro e salvo  
Dos naufrágios dum século;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,  
Meus versos... não serão: — palmas em graça,  
Ou pobre rama d'árvore funérea,  
Piramidal cipreste.

São flores que desfolha sobe um túmulo  
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,  
Piedosa mão de peregrino estranho,  
Que ali passou acaso!





## A DESORDEM DE CAXIAS

(Ano de 1839)

— *Le crime est immortel!* —  
— *Ainsi que le remord.*

A. Barbier.

### I

Que feios sons de surda e rouca trompa!  
Ecoa a brônzea tuba as duras vozes,  
Que hão de os vales cobrir de miserandos,  
Insepultos guerreiros!

Sobre as cordas da tua Harpa  
Pousa, ó Musa, a nívea mão,  
Que com tais sons se não casão  
Os sons do teu coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,  
Que amargas queixas, que doridas preces!  
Penosas vascas de sangrenta morte  
No extremo agonizar!

Musa minha desditosa,  
Dos cabelos despe o loiro,  
Da tua Harpa malfadada  
Despedaça as cordas d'ouro!

Musa, Musa minha! os sons que ouviste  
Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas,  
Agora sombras vãs, que inultas vagam  
A desoras na terra!

Do mísero cantor que eles amaram,  
Talvez em vida, — possa agora ao menos  
O triste canto, a suspirada nênia,  
Simpático aplacá-las!

Foste até aqui linfa pura  
Que mansamente serpeia,  
Entre flores e verdura,  
Por sobre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve  
Lá da nascente;  
Eis o regato que já corre undoso,  
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó Musa! assaz cantaste  
Teu doce amor,  
Serena, em ócio, como ao pé da fonte  
Descansa a flor.

## II

Como, quando o vulcão prepara a lava  
Nas entranhas da terra, e à noite lança.  
Pela sangrenta rúbida cratera,  
Mais viva chama em turbilhão de fumo,  
Encandece-se o ar, cala-se a terra.  
Nem gira a brisa, ou só tufão de vento  
Com hórrido fragor sacode os troncos;  
Assim também, quando abafadas rosnam  
Sanhas do povo, antes que em fúrias rompam,  
Propaga-se confuso burburinho.  
Cresce a agitação naquele e neste,  
E um quê de febre lhes transtorna o siso.  
Trêmulos todos, homens e mulheres,  
Infantes e anciãos — de mãos travadas,  
Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,  
Lá vão terras do exílio demandando!  
Um passo apenas dão, que os alumia  
Do vulcão popular a lava ardente.  
Sob os trépidos pés soluça a terra,  
Sobre as cabeças pávidas volteia

Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem  
De pó desfeito, que resseca os ares.  
E dentre aquele fumo e aquelas chamas,  
Naquele horror e medo, estatuas vivas.  
Sinistro lampejar d'armas descobrem:  
Descobrem longe os tetos abrasados,  
A pouco e pouco esmorecendo em cinzas;  
Escutam gritos de uma voz querida,  
De um ser que expira, e que em socorro os chama!  
E ali pregados no terreno ingrato  
Nem da morte impiedosa fugir sabem,  
Nem força tem que lhes escude a vida.  
São ali sem ação, sem voz, sem força  
Gomo que má sezão lhes tolhe os membros,  
Ou os sufoca horrível pesadelo.  
Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte;  
E nus, sangrentos, insepultos jazem!

### III

Túrbida reina a bacanal de sangue!  
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,  
Um só campeia! um só, que mal se achega  
À lauta mesa, onde se enfrasca o vulgo  
De carniça e ralé, tocando apenas  
O sangue e o vinho, que alimenta o bródio;  
Derruba-o logo a popular vindicta,  
E folga ultriz em torno aos vis despojos,  
Que nem de amigas lagrimas se molham,  
Nem de talhadas lápidas se cobrem.

### IV

Malditos sejais vós! malditos sempre  
Na terra, inferno e céus! — No altar de Cristo  
Outra vez a paixões sacrificado.  
Ímpios sem crença e precisando tê-la,  
Assentastes um ídolo doirado  
Em pedestal de movediça areia;

Uma estátua incensastes — culto infame! —  
Da política, sórdida manceba  
Que aos vestidos, outrora reluzentes,  
Os andrajos cerziu da vil miséria!  
No antropófago altar, mádido, impuro  
Em holocausto correu d'hóstia inocente  
Humano sangue, fumegante e rubro.  
Insensível à dor, ao pranto, às preces,  
Insensível às cãs, à verde infância,  
Tudo sorveu a rábida quadrilha!  
A treda mente maquinou suplícios,  
Torpe vingança! meditou cruenta  
Nos requintes da dor ébria fartar-se,  
E lascívia imoral dos lábios deles  
Em fronte virginal cuspiu veneno.

Afrontas caíam sobre tanta infâmia!  
E se a vergonha vos não tinge o rosto,  
Tinja o rosto do ancião, do infante  
Que em qualquer parte vos roçar fugindo.  
Da consciência a voz dentro vos punja.  
Timorato pavor vos encha o peito,  
E farpado punhal a cada instante  
Sintais no coração fundo morder-vos.  
Dos que matastes se vos mostre em sonhos  
A chusma triste, suplicante, inerme...  
Sereis clementes... mas que a mão rebelde  
Brandindo mil punhais lhes corte a vida:  
E que então vossos lábios confrangidos  
Se descerrem sorrindo! — cru sorriso  
Entre dor e prazer, — qu'então vos prendam  
À poste vergonhoso, e que a mentira  
O vosso instante derradeiro infame!  
Bradem: Não fomos nós! — e a turba exclame:  
Covardes, fostes vós! — e no seu poste  
De vaias e baldões cobertos morram.

## V

Mas cantar tão cruel e tão feio,  
    Donde parte soando ruidoso?  
Da minha Harpa nas cordas quem veio  
    Sons tão rudes, tão roucos tirar?  
    Pode acaso o cristão impiedoso  
Do que sofre avivar o tormento,  
    Pode acaso dizer-lhe cruento:  
    Teu suplício não quero acabar?

    Pode acaso com torva alegria  
Sobre os restos do triste finado  
    Levantar a cruel voz ímpia,  
    Homicida feroz, maldição?  
    Não tem ele sequer um pecado?  
    Como pois poderá penitente  
Exclamar noutra vida: Ó clemente  
Senhor Deus, tem de mim compaixão?

    Réu não sou da cruel impiedade,  
    Bem que o sangue por eles vertido  
Fosse meu; bem que amarga saudade  
Sinta eu desses, que a morte ceifou!  
    Não irei ao sepulcro esquecido  
    Insultar o mesquinho finado;  
    Miserando! foi duro o seu fado,  
Que um amigo sequer não deixou!

    Mas as vítimas tristes, cruentas,  
Que hoje dormem na campa florida  
    Nas funéreas mortalhas sangrentas  
    Envolvidas, irei visitar:  
    Lindas flores na aurora da vida!  
Murchas flores p'ra terra inclinadas!  
    Ah! por todas no pó desfolhadas  
Ao Senhor compassivo hei de orar!

## VI

E como aparecem num sonho ditoso  
Fantásticas formas, composto formoso  
Da noite que morre e do sol a raiar;  
Eu vi muitas sombras, com ar magoado  
Chorando e passando: eu estava acordado.  
E vi; mas par'ceu-me que estava a sonhar!

Passavam mostrando no peito a ferida;  
Celeste ventura no rosto envolvida  
Se lia da morte ao cruel padecer!  
E desta e daquela, de quantas eu via  
O nome, as feições e a voz conhecia!...  
Meu peito arquejava co'o interno sofrer.

Com triste sorriso nos lábios pousado,  
Chamavam-me todas ao túm'lo gelado,  
E à paz dos sepulcros, e à vida do céu!  
Ó anjos sofrestes martírio anelado;  
Ao céu remontastes, ficastes ao lado  
Do mártir divino que à terra desceu;

Gomo hei de seguir-vos no etéreo caminho,  
Se preso a esta vida, cansado e mesquinho.  
Meu longo martírio não posso acabar?  
Não posso seguir-vos, mas vós, meus amores,  
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores  
Ah! vinde meus sonhos de flores juncar.



## TABIRA

*(Dedicatória aos pernambucanos)*

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,  
Veneza Americana, transportada

Boiante sobre as águas!  
Amigo gênio te formou na Europa,  
Gênio melhor te despertou sorrindo  
À sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! São teus montes  
Arrelvados, inúmeros teus vales,  
Cujas veias são rios!  
Doces teus prados, tuas várzeas férteis,  
Onde reluz o fruto sazonado  
Entre o matiz das flores!

Outros, pátria d'heróis, teus feitos cantem,  
E a bela história de colônia exaltem,  
E os nomes forasteiros;  
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,  
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,  
Espriados no mar!

Ambas vós, sobretudo americanas,  
Doces flores dos mares de Colombo,  
Filhas do norte ardente!  
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas  
Sorriram d'inocência à própria imagem,  
Que luz em claro arroio.

Andei, por vós somente, em vossas matas,  
Colhendo agrestes flores na floresta,  
Não respiradas nunca,  
Singelas, como vós, — como vós, belas,  
Enastrei-as em forma de grinalda  
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são versos  
Efêmeros como elas; cor sem brilho,  
Ou perfume apagado,  
Ou tino fraco d'ave matutina,

Ou eco de um baixel que passa ao longe  
Com descante saudoso.



## TABIRA

(*Poesia americana*)

*Les peaux rouges, plus nobles, mais  
plus infortunées que les peaux noires,  
qui arriveront un jour à la liberté par  
l'esclavage, n'ont d'autre recours que la  
mort, parce que leur nature se refuse à  
la servitude*

### I

É Tabira guerreiro valente,  
Cumpre as partes de chefe e soldado;  
É caudilho de tribo potente,  
— Tobajaras — o povo senhor!  
Ninguém mais observa o tratado  
Ninguém menos de p'rigos se aterra,  
Ninguém corre aos acenos da guerra  
Mais depressa que o bom lidador!

### II

Seu viver é batalha aturada,  
Dos contrários a traça aventando;  
É dispor a cilada arriscada,  
Onde o inimigo se venha meter!  
Levam noites com ele sonhado  
Potiguares, que o viram de perto;  
Potiguares, que asselam por certo  
Que Tabira só sabe vencer!

### III

Mil enganos lhe tem já tecido,



Mil ciladas lhe tem preparado;  
Mas Tabira, fatal, destemido,  
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!  
Sempre o plano da guerra é frustrado,  
Sempre o bravo fronteiro aparece,  
Que os enganos cruéis lhes destece,  
Face a face, arco e setas na mão.

#### IV

Já dos Lusos o troço apoucado,  
Paz firmando com ele traidora,  
Dorme ileso na fé do tratado,  
Que Tabira é valente e leal.  
Sem Tabira do Lusos que fora?  
Sem Tabira que os guarda e defende,  
Que das pazes talvez se arrepende  
Já feridas outrora em seu mal!

#### V

Chefe 'stulto dum povo de bravos,  
Mas que os piagas vitórias te fadem,  
Hão de os teus, miserandos escravos,  
Tais triunfos um dia chorar!  
Caraíbas tais feitos aplaudem,  
Mas sorrindo vos forjam cadeias,  
E pesadas algemas, e peias,  
Que traidores vos hão de lançar!

#### VI

Chefe sólido, insano, imprudente,  
Sangue e vida dos teus malbaratas?!  
Míngua as forças da tribo potente,  
Vencedora da raça Tupi!  
Hão de os teus, acossados nas matas,  
Não podendo viver como escravos,  
Dar o resto do sangue por ti!

## VII

Vivem homens de pel' cor da noite  
Neste solo, que a vida embeleza;  
Podem, servos, debaixo do açoite,  
Nênias tristes da pátria cantar!  
Mas o índio que a vida só preza  
Por amor dos combates, e festas  
Dos triunfos sangrentos, e sestas  
Resguardadas do sol no palmar;

## VIII

Ociosa. Indolente, vadio,  
Ou ativo, incansável, fagueiro;  
Já nas matas, no bosque erradio,  
Já disposto a lutar, a vencer;  
Ama as selvas, e o vento palreiro,  
Ama a glória, ama a vida; mas antes  
Que viver amargados instante,  
Quer e pode e bem sabe morrer!

## IX

Eia, avante! Ó caudilho valente!  
Potiguares lá vem denodados;  
Tão cerrado concurso de gente  
Ninguém viu nestas partes assim!  
Poucos são, mas briosos soldados;  
Não são homens de aspecto jucundo!  
Restos são, mas são restos dum mundo;  
Poucos são, mas soldados por fim!

## X

Os seus velhos disseram consigo,  
Discutindo os motivos da guerra:  
É Tabira — cruel, inimigo,  
Já nem crê, renegado, em Tupã!  
Pés robustos lá batem na terra,  
Pó ligeiro se expande nos ares:

Era noite! Milhar de milhares  
São armados, mal rompe a manhã.

### XI

Vem soberbos, — o sol luz apenas!  
Confiados, galhardos, lustrosos,  
Vem bizarros nas armas, nas penas,  
Atrevidos no acento e na voz!  
Um dentre eles, dos mais orgulhosos,  
Sobe à pressa nas aspas dum monte,  
Dali brada, postado defronte  
De Tabira — com jeito feroz:

### XII

Ó Tabira, Tabira! aqui somos  
A provar nossas forças contigo;  
Dizes tu que vencidos já fomos!  
Di-lo tu, não no diz mais ninguém.  
Ora eu só a vós todos vos digo:  
Sois cobardes, irmão de Tabira!  
Propagastes solene mentira,  
Que vencer não sabemos tão bem.

### XIII

Para o vosso terreiro vos chamo,  
Contra mim vinde todos, — sou forte:  
Acorrei ao meu nobre reclamo!  
Aqui sou, nem me parto daqui!  
Vinde todos em densa coorte:  
Travaremos combate sangrento,  
Mas por fim do triunfo cruento  
Direis vós, se fui eu quem menti.

### XIV

Disse o arauto: eis a turba ufanosa  
Lhe responde, arco e setas brandindo,  
Pés batidos, voz alta e ruidosa:

— Bem falado, ó guerreiro, mui bem!  
Assim é; mas Tabira rugindo,  
Ressentindo de ofensas tamanhas,  
O rancor mal encobre das sanhas,  
Que não leva no sangue de alguém.

### XV

Raso outeiro ali perto se of' rece:  
Vinga-o prestes, ardido, açodado!...  
Como leiva de pálida messe,  
Já madura, tremendo no pé;  
Todo o campo descobre ocupado  
Por guerreiros, — no extremo horizonte  
Não distingue nas faldas do monte,  
O que é gente, o que gente não é.

### XVI

Não se abala o preclaro guerreiro,  
Do que vê seu valor não fraqueia;  
Diz consigo: Um só golpe certo  
Vai de todo esta raça apagar!  
Juntos são, mas são meus! — Já vozeia;  
Logo os seus lhe respondem gritando,  
Tais rugidos, tais roncossoltando  
Que aos seus próprios deveram turbar!

### XVII

Diz a fama que então de assustadas  
Muitas aves que o espaço cruzavam,  
De pavor subitâneo tomadas,  
Descaíam pasmadas no chão:  
Já com silvos e atitos voavam  
Muitas outras, que o triste gemido  
No conflito, abafado e sumido,  
Talvez deram, — mas fraco, mas vão!

### XVIII

Eis que os arcos de longe se encurvam,  
Eis que as setas aladas já voam,  
Eis que os ares se cobrem, se turvam,  
De flechados, de surdos que são.  
Novos gritos mais altos reboam,  
Entre as hostes se apaga o terreno,  
Já tornado apoucado e pequeno,  
Já coberto de mortos o chão!

### XIX

Peito a peito encontrados afoitos,  
Braço a braço travados briosos,  
Fervem todos inquietos, revoltos,  
Qu'indecisa a vitória inda está.  
Todos movem tacapes pesados;  
Qual resvala, qual todo se enterra  
No inimigo que morde na terra,  
Que sepulcro talvez lhe será.

### XX

Mas Tabira! Tabira! Que é dele?  
Onde agora se esconde o pujante?  
— Não no vedes?! — Tabira é aquele  
— Que sangrento, impiedoso lá vai!  
— Vê-lo-eis andar sempre adiante,  
— Larga esteira de mortos deixando  
— Trás de si, como o raio cortando  
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

### XXI

Foge! Foge! Leal Tobajara;  
Quantos arcos que em ti fazem mira?!  
— Muitos são; porém medos encara  
— Face a face, quem é como eu sou! —  
Muitas setas cravejam Tabira:  
Belo quadro! — mas vê-lo era horrível!  
Porco-espim que sangrado e terrível

Duras cerdas raivando espetou!

## XXII

Tem um olho dum tiro flechado!  
Quebra as setas que os passos lh'impedem  
E do rosto, em seu sangue lavado,  
Flecha e olho arrebatada sem dó!  
E aos inimigos que o campo não cedem,  
Olho e flecha mostrando extorquidos,  
Diz, em voz que mais eram rugidos:  
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

## XXIII

E com fúria tão grande arremete,  
Com despego tão nobre da vida;  
Tantos golpes, tão fundos repete,  
Que senhores do campo já são!  
Potiguares lá vão de fugida,  
Inda à fera mais torva e bravia  
Disputando guarida dum dia  
No mais fundo do vasto sertão!

## XXIV

Potiguares, que a aurora risonha  
Viu nação numerosa e potente,  
Não já povo na tarde medonha,  
Mas só restos dum povo infeliz!  
Insepultos na terra inclemente  
Muitos dormem; mas há quem lh'inveja  
Essa morte do bravo em peleja,  
Quem vida do escravo maldiz!

## XV

Este o conto que os Índios contavam,  
A desoras, na triste senzala;  
Outros homens ali descansavam,  
Negra pele; mas escravos tão bem.

Não choravam; somente na fala  
Era um quê da tristeza que mora  
Dentro d'alma do homem que chora  
O passado e o presente que tem!

---

## HINOS

---

### A LUA

*Figlia del eiel, sei bella!  
Ma verra notte aneor, che tu, lu stessa  
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo  
Il tuo azzurro sentier!*

Cesaroiti

Salve, ó Lua cândida,  
Que trás dos altos montes  
Erguendo a fronte pálida,  
Dos negros horizontes  
As sombras melancólicas  
Vens ora afugentar  
Salve, ó astro fúlgido,  
Que brilhas docemente,  
Melhor que o lume trêmulo  
D'estrela inquieta, ardente,  
Melhor que o brilho esplêndido  
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tênue  
Da eterna luz preclara  
Nas nossas noites hórridas;  
Qual sol que em linfa clara  
Desponta os raios vívidos,

Em tarja multicolor;  
És como a virgem pudica.  
Que amor no peito encerra;  
Mas só, mas solitária,  
Vagando aqui na terra  
Triplica o selo místico  
Do não sabido amor!  
Eu te amo, ó Lua cândida,  
No giro sonolento.  
E o teu cortejo mádido  
De estrelas, e do vento  
O sopro merencório,  
Que à noite dá frescor.  
Por teus influxos mágicos  
Minha alma aos sons do canto  
Revive; e os olhos úmidos  
Gotejam triste pranto,  
Que orvalha a chaga tépido,  
Que míngua a antiga dor!

Em gélido sudário  
De neve alvinitente,  
Por terras vi longínquas,  
Durante a noite algente,  
A tua luz benéfica  
Luzir meiga do céu.  
Nos mares solitários  
Tão bem a vi! — nas vagas  
Brincava o lume argênteo,  
Cantava o nauta as magas  
Canções, no voluntário,  
Cansado exílio seu!

Tão bem a vi na límpida  
Corrente vagarosa;  
Tão bem nas densas árvores  
De selva majestosa,



Coando os raios lúbricos  
No lôbrego palmar.  
E eu só e melancólico  
Sentado ao pé da veia,  
Que a deslizar-se tímida  
Beijava a branca areia;  
Ou já na sombra tétrica  
Da mata secular;

Em devaneio plácido  
Velava, enquanto via  
Ao longe — os altos píncaros  
Da negra serrania,  
— Disformes atalaias,  
Que sempre ali serão!  
No rórido silêncio  
Minha alma se exaltava;  
E das visões fantásticas,  
Que a lua desenhava,  
Seguia os traços áureos,  
Tremendo em negro chão!

Pensava ledó, impróvido,  
Até que de repente  
Da minha vida mísera  
Se me antolhava à mente  
A quadra breve e rápida  
Do malfadado amor.  
Então fugia atônito  
O bosque, a selva, a fonte,  
E as sombras, e o silêncio;  
Bem como o cervo insonte,  
Que às setas foge pávido  
Do fero caçador!

Salve, ó astro fúlgido,  
Que brilhas docemente.

Melhor que o lume trêmulo  
D'estrela inquieta, ardente,  
Melhor que o brilho esplêndido  
Do sol ferindo o mar.  
Eu te amo, ó Lua pálida,  
Vagando em noite bela,  
Rompendo as nuvens túrdidas  
Da ríspida procela;  
Eu te amo até nas lágrimas  
Que fazes derramar.

---

### A NOITE

*Noite, melhor que o dia, quem não te ama!  
Quem não vive mais brando em teu regaço!*

Filinto

Eu amo a noite solitária e muda,  
Quando no vasto céu fitando os olhos,  
Além do escuro, que lhe tinge a face,  
Alcanço deslumbrado  
Milhões de sóis a divagar no espaço,  
Como em salas de esplêndido banquete  
Mil tochas aromáticas ardendo  
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e queda!  
Amo a doce mudez que ela derrama,  
E a fresca aragem pelas densas folhas  
Do bosque murmurando:  
Então, malgrado o véu que envolve a terra,  
A vista, do que vela, enxerga mundos,  
E apesar do silêncio, o ouvido escuta  
Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e queda!  
Então parece que da vida as fontes  
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,  
Mais fundas se abrem;  
Então parece que mais pura a brisa  
Corre, — que então mais funda e leve a fonte  
Mana, — e que os sons então mais doce e triste  
Da música se espargem.

O peito aspira sôfrego ar de vida,  
Que da terra não é; qual flor noturna,  
Que bebe orvalho, ele se embebe e ensopa  
Em êxtases de amor;  
Mais direitas então, mais puras devem,  
Calada a natureza, a terra e os homens,  
Subir as orações aos pés do Eterno  
Para afagar-lhe o trono!

Assim é que no templo majestoso  
Reboa pela nave o som mais alto,  
Quando o sacro instrumento quebra a augusta  
Mudez do santuário;  
Assim é que o incenso mais direito  
Se eleva na capela que o resguarda,  
E na chave da abóbada topando,  
Como um dossel, se espraia.

Eu amo a noite solitária e muda;  
Como formosa dona em régios paços,  
Trajando ao mesmo tempo luto e galas  
Majestosa e sentida;  
Se no dó atentais, de que se enluta,  
Certo sentis pesar de a ver tão triste;  
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite  
De a ver tão bela e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,

E o porte, e o garfo senhoril e altivo,  
E as falas poucas, e o olhar sob'rano,  
E a fronte levantada:  
No silêncio que a veste, adorna e honra,  
Conhecendo por fim quanto ela é grande  
Com voz humilde a saudareis rainha,  
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitária e muda,  
Quando, bem como em salas de banquete  
Mil tochas aromáticas ardendo;  
Giram fúlgidos astros!  
Eu amo o leve odor que ela difundo,  
E o rorante frescor caindo em pér'las,  
E a mágica mudez que tanto fala,  
E as sombras transparentes!

Oh! Quando sobre a terra ela se estende,  
Como em praia arenosa mansa vaga;  
Ou quando, como a flor dentre o seu musgo,  
A aurora desabrocha;  
Mais forte e pura a voz humana soa,  
E mais se acorda ao hino harmonioso,  
Que a natureza sem cessar repete,  
E Deus gostoso escuta.



## A TEMPESTADE

*Fervescere faciet, quasi ollam,  
profundum marc.*

Jó 41:22

### I

De cor azul brilhante o espaço imenso  
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo

Do bosque a verde coma esmalta e doura,  
E na corrente dardejando a prumo  
Cintila e fulge em lâminas douradas.  
Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!  
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,  
Brilha um clarão fugaz pálido e breve:  
Outro vem após ele, inda outro, muitos;  
Sucedem-se frequentes, — mais frequentes,  
Assumem cor mais viva, — inda mais viva,  
E em breve espaço conquistando os ares  
Os horizontes co' o fulgir roxeiam.

Qual manca d'óleo em tela acetinada,  
Que os fios todos lhe repassa e embebe;  
Ou qual abutre do palácio aéreo  
Tombando acinte, — no descer sem asas  
Um ponto só, — até que em meia altura  
Abrindo-as, paira majestoso e horrendo:  
Assim o negro ponto avulta e cresce,  
E a cúpula dos céus de cor medonha  
Tinge, e os céus alastra, e o espaço ocupa.  
A abóbada de trevas fabricada  
Descansa em capitéis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta  
Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe  
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,  
E aos píncaros da rocha enegrecida  
De iroso e mal sofrido a espuma arroja!  
Raivoso turbilhão consigo arrasta  
O argueiro, a folha em vórtice espantoso;  
No vale arranca a flor, sacode os troncos,  
No mar os vagalhões incita e cruza.

## II

Os sons da tempestade ao longe escuto!  
Concentra a natureza os seus esforços  
Primeiro que entre em luta; não lampeja  
Ínvio fogo nos céus; não sopra o vento:  
É tudo escuridão, silêncio e trevas!  
Somente o mar de soluçar não cessa,  
Nem de rugir as ramas buliçosas,  
Nem de soar confuso burburinho,  
Incompr'ensível, como que sem causa,  
Imenso como o eco de mil vozes  
No céu de extensa gruta repulsando.

Silêncio! perto vem a tempestade!  
Grávidas nuvens de fatais coriscos,  
Sem rumo, como nau em mar desfeito,  
Eu muda escuridão negros fantasmas,  
Indistintos, em forma, — ondulam, jogam.  
Logo poder oculto impele as nuvens,  
Atraem-se os castelos tenebrosos,  
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,  
E o ronco do trovão após ribomba!

### III

Ruge e brame, sublime tempestade!  
Desprende as asas do tufão que enfreias,  
Despega os elos do veloz corisco  
E as nuvens rasga em rúbidas crateras.  
Os fuzis da cadeia temerosa  
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens  
Do teu açoite aos látegos bramindo,  
Ocupem de pavor os céus e a terra,  
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;  
Que assim por teus influxos me comoves,  
Que todo me eletrizas e me arroubas!  
Qual foi Mazeppa no veloz ginete  
Por desertos, por sirtes arenosas  
Jungido e preso e atônito levado;

Assim minha alma sobe e vai contigo,  
E vinga os teus palácios mais subidos,  
Contempla os teus horrores, e dos astros  
No prazer, que lhe dás, toda embebida,  
Sedenta d'emoções folga contigo!  
Parece que ali tem a régia c'roa  
Que o feliz condenado achou na Ucrânia.  
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

#### IV

Enfim descendo a chuva copiosa  
Nuvens, bulções desfaz; os rios crescem,  
De pérolas a relva se matiza,  
O céu de puro azul todo se arreia,  
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

#### V

Assim, meu Deus, assim será no dia  
Do final julgamento, quando o anjo  
Soprar a trompa que desfez os muros  
De Jericó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,  
Com roncões temerosos, nunca ouvidos,  
Virá para sorver, com fúria brava,  
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,  
Não luz, mas puro fogo, há de acender-se,  
Como o fogo sagrado, que se prende  
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,  
No abismo hão de cair com grande estrondo,  
E, redomas de vidro, hão de partir-se  
Em pedaços sem conto.

Do abismo as solidões hão de acordar-se!  
Flamívomos vapores condensados,  
Te nós, e além de nós, hão de elevar-se  
Em pavoroso incêndio.

O ar há de acender-se, a terra em fogo  
Tornar-se, como o ferro ardendo em frágua,  
Coalhar-se o mar e em áspera secura  
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,  
Neste caos, que a mente mal alcança,  
Quando nada existir de quanto existe,  
Será vencida a morte.

Logo, a um só dizer do Onipotente,  
O pó segunda vez há de animar-se,  
E os mortos, mal sofrendo a luz da vida,  
Atônitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,  
E como Adão, a tatear os membros,  
Estranhos a existência já vivida,  
Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste—  
Virás cheio de glória e majestade,  
Em sólio de luzeiros resplendente,  
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça em fins do mundo  
Acalmar a procela, e quando aos mortos  
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-emos,  
Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveu contigo,  
Quem n'âncora da fé prendeu sua alma,



Quem só em ti fundou sua esperança,  
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,  
Seus passos graduou nos teus caminhos;  
Quem dia e noite revolveu consigo  
Como aplacar-te.



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**